

# 22º CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO SINPEEM

25 A 28 DE OUTUBRO DE 2011  
PALÁCIO DAS CONVENÇÕES DO ANHEMBI



*contrastes:  
o cultural, o social e o político  
na educação*



**SINPEEM**

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP

**SINOPSES**

De 25 a 28 de outubro de 2011, os delegados eleitos em suas unidades para o 22º Congresso do SINPEEM, que neste ano traz como tema central **“Contrastes: o cultural, o social e o político na educação”**, vão participar de 34 palestras, com os mais variados temas.

Serão abordados desde as histórias em quadrinhos, sustentabilidade, literatura infantil, música e teatro na escola às questões que envolvem a saúde dos profissionais de educação, inclusão, o papel dos sindicatos, valorização profissional, ética, redes sociais, violência, entre outros temas.

Para garantir aos delegados melhor aproveitamento durante o 22º Congresso do SINPEEM, este caderno contém as sinopses das palestras.

## A DIRETORIA

**CLAUDIO FONSECA**  
Presidente



---

# SINPEEM

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP

***Obs.: os textos e a revisão dos mesmos são de EXCLUSIVA responsabilidade dos autores.***

**Até o fechamento deste caderno alguns palestrantes não haviam entregado suas sinopses, o que impossibilitou a publicação.**

**Por este motivo, não há impressão destes textos para o 22º Congresso.**

# DIA 25/10

CONTRATES: O SOCIAL, O CULTURAL E O POLÍTICO NA EDUCAÇÃO .....	5
MENOS DESPÉRDÍCIO, MENOS CONSUMISMO: A SUSTENTABILIDADE E O FUTURO DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL .....	7
A REVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR PASSA PELO RESGATE DE SUA AUTORIDADE EM SALA DE AULA .....	9
O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO .....	11
O QUADRO DE APOIO E A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA .....	14
A INCLUSÃO QUE DÁ CERTO .....	15
MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OUVIR, APRECIAR, FAZER .....	16
OS SINDICATOS DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO .....	17

# DIA 26/10

A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	19
UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A EDUCAÇÃO .....	21
LIDERANÇA, GESTÃO ESCOLAR PEDAGÓGICA: O DESAFIO DE FAZER ACONTECER .....	23
A LONGA TRAVESSIA ENTRE O SABER E O APRENDER .....	25
ÉTICA NO DIA A DIA DA ESCOLA .....	26
O REGISTRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	28
HISTÓRIA DA ÁFRICA: CULTURA E EDUCAÇÃO .....	30
MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIA A PARTIR DA EaD .....	32

# DIA 27/10

SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO .....	35
UM OLHAR ATUAL SOBRE A AVALIAÇÃO .....	36
A ESCOLA DIANTE DE QUESTÕES ATUAIS DA SEXUALIDADE .....	39
O CINEMA VAI À ESCOLA .....	41
A ESCOLA QUE ENCANTA E TRANSFORMA VIDAS .....	42
ARTE E MATEMÁTICA: UMA INCURSÃO INTERDISCIPLINAR .....	44
NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO .....	45
O TEATRO NA ESCOLA .....	46

# 28/10

APRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL .....	47
AS AULAS PODEM SER MAIS ATRAENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL? .....	48
O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO .....	49
OS MUSEUS VÃO À ESCOLA .....	51
REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO .....	54
OS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA, DA INVERSÃO DE VALORES E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO .....	55
OS JOVENS, A MÍDIA, A TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO .....	56
CONSTRUÇÃO DA BRASILIDADE .....	58

# Terça-feira, 25/10

## **Tema: CONTRATES: O SOCIAL, O CULTURAL E O POLÍTICO NA EDUCAÇÃO**

**\* Hamilton Wernneck**

Não se pode reduzir a questão dos contrastes a um aspecto. Na educação, todos estão imbricados de modo sistêmico. A era do conhecimento exige, cada vez mais, que o professor esteja ciente das transformações do mundo, das crises econômicas e sociais e dos movimentos culturais e políticos. No entanto, outros elementos, também sistêmicos, impedem o professor de acessar essas informações para poder transformá-las em conhecimento. Pode ser a questão salarial que o obriga a trabalhar muito, pode ser a falta de formação pessoal, gerada pela primeira causa apresentada ou pela irresponsabilidade de gestores que não planejam a formação dos docentes.

Os contrastes podem ser notados entre os próprios professores, entre alunos e seus professores e sistemas educacionais. Para minimizar esta situação que se torna grave na educação precisamos ter uma internet gratuita para educadores de todo o país, programas de formação continuada presencial e a distância e computadores para cada professor, visando diminuir o abismo entre o momento histórico em que vivemos e a formação do docente.

**Hamilton Wernneck** - pedagogo, professor, pós-graduado em Educação, Orientação Educacional e Administração Escolar, doutorando em Educação, escritor com 26 livros publicados e oito DVDs educativos, ex-conselheiro do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro e ex-secretário de Educação do município de Nova Friburgo (RJ).

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# O cultural, o social e o político na educação e nas identidades profissionais

\* Miguel G. Arroyo

A educação e a profissão de docente-educador sempre estiveram identificadas com o social, o político e o cultural. Entretanto, os significados dessa articulação não são consensuais e podem ser contraditórios. O que leva à construção de identidades sociais, políticas e culturais dos profissionais da educação e de suas associações bastante diversificadas e até tensas.

Com que significados aparecem o social, o político e o cultural vinculados à educação e às identidades profissionais?

No projeto mercantil da sociedade, a educação é vista com a função social de preparar mão de obra eficiente para a organização da produção e do mercado de trabalho e com a função política de adaptar as relações entre capital e trabalho. Com a função cultural de inculcar os valores, a cultura, as atitudes que adaptam e legitimam essas relações. A ênfase será no domínio de competências e no perfil de professor competente.

No projeto de república da educação e de seus profissionais, se espera que cumpram a função social de preparar os cidadãos adultos educando a infância e a adolescência para serem membros ordeiros da sociedade. A função política de formar cidadãos conscientes, participativos e a função cultural de inculcar os valores, a cultura política da nação, garantindo a identidade cultural, linguística da nação. Da escola e dos seus mestres se espera que preparem na infância o futuro da pátria.

No projeto de sociedade democrática, a função social esperada da educação e de seus profissionais é a garantia do direito ao conhecimento, às ciências e às linguagens. Os cidadãos, seres humanos sujeitos de direitos à escola e seus profissionais garantidores de direitos. A função política da educação e dos mestres será a de que esses direitos sejam garantidos a todos, com igualdade de oportunidades de acesso aos bens do conhecimento, da ciência e das linguagens. A função cultural será educar nos valores da igualdade, da justiça, do convívio democrático.

Estamos em tempos em que os movimentos sociais – feminista, operário, docente, indígena, negro, quilombola, juvenil, da diversidade de orientação sexual... – pressionam pelo direito à diversidade, às ações afirmativas, à equidade, à memória, à cultura, às identidades... Neste contexto social, político e cultural, a função da escola, da educação, dos currículos e dos seus profissionais é repolitizada e radicalizada. Exige-se repensar com radicalidade as identidades sociais, políticas, culturais dos docentes educadores e gestores. Um processo tenso, que aponta no sentido de reinvenção da educação escolar, da docência e de suas associações.

**\*Miguel G. Arroyo** - PHD em Educação pela Stanford University (Califórnia- USA). professor titular emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG), ex-secretário municipal de Educação de Belo Horizonte (MG) e coordenador de Político-Pedagógica Escola Plural.

# **Tema: MENOS DESPERDÍCIO, MENOS CONSUMISMO: A SUSTENTABILIDADE E O FUTURO DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL**

## **Método transversal e multidisciplinar para o ensino de educação ambiental**

**\* Francisco Pincerato**

A educação ambiental, desde 1999 - Lei nº 9.795/99 -, é obrigatória, de forma que os educadores, como responsáveis pelo assunto - segundo a transversalidade da lei, todos - têm de ministrar aulas sobre a matéria de todas as formas: teórica, prática, lúdica, enfim, têm de proporcionar aos alunos a passagem de conhecimentos sobre o assunto, formando a consciência crítica deles para a preservação da vida sobre o planeta.

A ótica da lei nos dá transversalidade, multidisciplinaridade e holística como bases na criação de propostas, as mais diversas, formando um emaranhado de conteúdos esparsos, ministrados também de forma confusa, tanto para o educador como para o aluno e sua área de influência, dentro e fora da escola.

Para nós, a educação ambiental carece de um método eficaz, em cujo conteúdo caibam todas as variáveis da vida sobre o planeta. É uma questão simples de ordenar ideias e propiciar aos envolvidos no processo uma "lógica" que pode fornecer, finalmente, uma perspectiva sobre o assunto, ordenando variáveis, ideias e, principalmente oferecendo uma macrovisão do processo de preservação da vida. Será como enxergar as coisas de cima, sem nada que nos atrapalhe. Será como, num grande esforço, induzir a retomada do equilíbrio ambiental de antes da revolução industrial, que subverteu, em nome do lucro indiscriminado, a manutenção e preservação da vida no planeta.

O método pode apresentar as condições de vida de antes dos anos 1776 a 1780 e depois deles, em pleno liberalismo político e econômico, quando a ganância e a disseminação da posse de bens, da ambição sem limites, fundou a "sociedade de consumo para gerar riquezas para as nações e para o povo". Como essa temática se tornou um processo cultural que perdura até hoje e promove as mazelas do mundo moderno, como o desperdício, o consumismo, a produção predatória, a pobreza, o aquecimento do planeta, dificultando, quase impossibilitando a vida sob a ótica da sustentabilidade, para nós e para o futuro.

*\* Francisco Pincerato - ambientalista e autor de livros, gibis pedagógicos e jogos didáticos. Palestrante e colunista de revistas e outros veículos sobre os assuntos da área. Criador e idealizador de projetos de educação ambiental nas áreas pública e privada.*

# Sustentabilidade: a educação cidadã do agora para o amanhã

\* **Antônio Sérgio da Silva**

Ao acompanhar os debates sobre o tema "sustentabilidade", observamos algumas discussões sobre a tendência da sociedade, seu comportamento, os estilos de vida, acompanhados pela percepção de uma crise social planetária em que se coloca em pauta discussões sobre as práticas sociais, a ética, os valores que incentivam o consumo e individualizam o ser humano. Reconhecer as práticas consumistas nos conduz à noção de vida societária, pois "os consumidores precisam estar convencidos de que quando fazem compras estão, de fato, exercendo uma responsabilidade social, política e moral que vai além de seus interesses particulares". (Lazzarini e Gunn, 2002. p. 83).

Vivemos em uma avalanche de informações, de novos fatos, de ideários sobre a noção de modos de vida, de costumes, senso comuns em que, dentre outros aspectos, o papel da mídia tende a nos padronizar, domesticar e nos direcionar para o consumo, de certa forma alienados e controlados, consumíveis e descartáveis. Assim, os debates sobre o que se pretende como sustentável apresentam-se em propostas de novos valores que sustentam os modos de vida propondo um novo sentir, pensar e agir sobre a realidade. Ou seja, a emergência cultural e política numa reedição de visão de mundo, na compreensão das relações de interdependência em contexto social, econômico e ambiental.

O reconhecimento da educação como caminho para os debates sobre um novo sujeito político e cultural, um sujeito que se posiciona, se orienta em suas ações no sentido da sustentação das sociedades atuais para as estruturas sociais futuras. Nos remete a uma educação cidadã pelo direito à sustentabilidade no agora, resgatando alguns valores, às vezes esquecidos, como comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos, ou seja, valores acumulados pelos sujeitos durante suas vidas. Portanto, tem-se na educação, desde o ensino infantil, a possibilidade desse novo sujeito e da sustentabilidade humana.

\* **Antônio Sérgio da Silva** - geógrafo, professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG-Formosa).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

# **Tema: A REVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR PASSA PELO RESGATE DE SUA AUTORIDADE EM SALA DE AULA**

## **Rinocerontes**

**\* Antônio Carlos Berardi Júnior**

Romantismos trazem aplausos e paixões, mas não resolvem. Há muito trabalho real nas escolas, com esforço desproporcional e aquém ao resultado. Por isso, dizer que ao professor falta isso ou aquilo, da autoestima à autoridade ou passar a mão no ego, dizer o quanto é importante e fundamental o futuro, o pilar, é o eixo etc., é parcializar a situação. Vira tudo igual, correndo de um lado para o outro, gritando as mesmas coisas sem sentido.

Os valores, as necessidades, as angústias e as alegrias são diferentes em cada realidade e precisam ser tratadas diferentes, para ser justo. Falta pensar: muda-se primeiro, depois vê se é bom ou não, se é útil ou não ou se é virtuoso ou não. Primeiro comer para depois ver se é venenoso? O que significa "resgate da autoridade" exatamente? Houve algum momento em que o professor foi valorizado no Brasil, para que se busque uma "re"valorização? Qual o valor dado a que tipo de educação, para quem, para que e por quem? De quem se quer exatamente essa valorização? Como ela se manifesta? E o respaldo necessário? Fora de contexto, "autoridade" é um perigo: afinal, o que exatamente está sendo resgatado? *Magister dixit*? Voltaremos à discussão sobre ensino X aprendizado, foco no aluno X foco no professor etc.?

Autoridade e legitimidade precisam andar juntas, sob o risco de se perder a mão: sem apoio social, legal, formal e legítimo é ditadura com outro nome. Como se mede obediência, subserviência, respeito, conformidade? Como intervir? Fogo não é trauma, boia não é tanque de oxigênio. Chega de pseudo-homogeneidades!

Generalizar retira a precisão, o foco e o detalhamento necessários para a solução dos desafios. Discute-se "educação", "autoridade", "professor", "autoestima", "formação", parcialidades, generalidades, contradições, tudo igual. Massa. Na sala de professores quantas visões diferentes do que é necessário fazer, ter, ser, somar, retirar etc. são amordaçadas! Pela convivência pacífica com diferentes visões de homem, de educação, de escola, de fins e meios vamos pôr à mesa a discussão da realidade e recuperar o aprendizado do consenso.

Respeitar individualidades para criar um coletivo. Tornar-nos autores. Basta de generalidades: recusemo-nos a virar rinocerontes!

**\* Antônio Carlos Berardi Júnior** - formado em Ciências Sociais e Antropologia, é pós-graduado em Administração, mestre em Comunicação e Cultura e palestrante.

## A banalização nem é educativa nem resgata a autoridade

\* **Hamilton Werneck**

A sociedade brasileira trocou o conservadorismo de muitos anos por uma postura mais leve, em que princípios e valores do passado foram substituídos por atitudes antes condenadas nos salões, nas escolas e na convivência entre as pessoas.

No ambiente escolar o autoritarismo deu lugar a uma série de permissividades compatíveis com novos tempos, em que os alunos e mestres quase se confundiam, trabalhando no mesmo patamar como se fossem colegas de profissão.

Esta mudança acabou sendo geradora de banalizações que prejudicaram a educação. Por mais que um professor se coloque junto aos alunos ele não pode perder a autoridade. Ele é o educador e se estiver mais próximo dos alunos é para poder transmitir valores e evitar problemas com a própria presença.

Os defensores da disciplina preventiva aconselham que nas escolas haja sempre algum educador junto aos alunos, inclusive nos recreios. O objetivo dessa prática é evitar que se avolumem os problemas, as desavenças entre colegas de estudo.

Hoje, no entanto, há uma confusão que invadiu a mente de algumas pessoas. Confundem a aproximação com o fato de usar o mesmo linguajar, as mesmas gírias e até os mesmos gestos comuns entre alunos, colegas de escola.

Pensam alguns professores que o fato de usar palavras que não fazem parte da norma culta da língua, embora estejam nos dicionários e sejam classificadas como palavras de "baixo calão" estariam posicionados de modo favorável para mais educar.

Na verdade, tal fato não ocorre. Certas aproximações, quando banalizam e nivelam a tal ponto de não ser possível distinguir quem é o educador e quem o educando, criam na mente dos alunos a ideia de que o professor pouco tem a oferecer por ter se transformado num igual.

\* **Hamilton Werneck** - pedagogo, professor, pós-graduado em Educação, Orientação Educacional e Administração Escolar, doutorando em Educação, escritor com 26 livros publicados e oito DVDs educativos, ex-conselheiro do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro e ex-secretário de Educação do município de Nova Friburgo (RJ).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

## **Tema: O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO**

**\* Antônio Joaquim Severino**

A educação só pode realizar-se através de mediações práticas que se desenvolvem a partir de um projeto educacional, vinculado, por sua vez, a um projeto histórico e social. A instituição escolar é o lugar, por excelência, desse projeto, no que concerne a sua dimensão educacional. Isto quer dizer que a instituição escolar deve se instaurar como espaço/tempo, como instância social que sirva de base mediadora e articuladora de outros dois tipos de projetos que têm a ver com o ser humano: de um lado, o projeto político da sociedade e, do outro, os projetos pessoais dos sujeitos envolvidos na educação.

A instituição escolar se dá como lugar do entrecruzamento do projeto coletivo da sociedade com os projetos pessoais e existenciais de educandos e educadores. É ela que viabiliza que as ações pedagógicas dos educadores se tornem educacionais, na medida em que os impregna das finalidades políticas da cidadania crítica que interessa aos educandos. Se, de um lado, a sociedade precisa da ação dos educadores para a concretização de seus fins, do outro, os educadores precisam do dimensionamento político do projeto social para que sua ação tenha real significação como mediação do processo humanizador dos educandos.

Particularmente, levando-se em conta as peculiaridades da sociedade brasileira, mais do que nunca, a escola continua sendo uma necessidade histórica para essa sociedade, à vista de suas condições concretas. Mas esta contribuição da escola só se tornará efetiva se a escola se constituir como *locus* de um projeto educacional. Projeto é tomado aqui no sentido de um conjunto articulado de propostas e programas de ação, delimitados, planejados, executados e avaliados em função de uma finalidade, que se pretende alcançar e que é previamente delineada mediante a representação simbólica dos valores a serem efetivados.

O projeto educacional pode ser metafóricamente representado pelo campo de força gravitacional criado por um ímã. O núcleo, no caso, é uma intencionalidade, ou seja, um sentido, uma significação que articula todas as ações, todas as medidas, todas as práticas, desenvolvidas por todos os sujeitos que se encontram no mesmo campo.

**\* Antônio Joaquim Severino** - mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica), doutor em Filosofia pela PUC de São Paulo. Livre docente em Filosofia da Educação pela USP, professor titular aposentado de Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente, é professor do Programa de Pós-graduação.

## O que a escola deve fazer com seus educandos? Formar, adestrar ou educar?

\* **Wolmer Ricardo Tavares**

Seja qual for o verbo, podemos perceber que, em alguns, a criticidade não será aplicada. Façamos uma análise da situação real da educação pública, sem o exagero pessimista e sem romantismos e pensamentos utópicos.

Analisemos os verbos formar e adestrar: o primeiro nos leva à alusão de como colocar em forma, o mesmo que padronizar, standardizar, isto é, fazer com que os educandos tenham o mesmo comportamento, atitude e maneira de pensar. O segundo verbo nos remete a Pavlov (reflexo condicionado), conhecido por muitos como estímulo resposta, ou seja, bastaria um estímulo certo para se obter uma resposta esperada. Ambas as situações convergem para a tradução livre da música Another Brick In The Wall de Pink Floyd: "nós não precisamos de educação, nós não precisamos de controle de pensamento" e, na verdade, a educação tem tornado os alunos uma massa amorfa aumentando a estatística manipulada e beneficiando, assim, uma minoria elitizada.

A escola tem como papel social a educação de seus educandos para que estes não fiquem na alienação. Essa educação implicará em transformação de comportamento, ou seja, em um devir que fomentará nosso educando à busca de um conhecimento corrosivo, não totalmente institucionalizado. Conhecimento pertinente que faça de nosso educando cidadão protagonista de sua vida.

Para que a escola exerça sua função social, é mister que ofereça uma educação de qualidade, com qualidade, e que tenha como norte para seus discentes a cidadania, protagonismo, criticidade, humanismo e a socialização para que seja assegurado aos discentes o afastamento de situações que os levem a uma alienação e manipulação impedindo de se transformarem em pessoas politizadas e proativas, mudando, assim, as estatísticas e posicionamento do Brasil entre os dez primeiros na educação, o que hoje é o 57º (Pisa 2009) em uma lista de 65 países.

Para isso ocorrer, não podemos ficar apenas na esperança, que é um dos grandes males da humanidade. Nós, educadores, precisamos agir investindo na mudança deste sistema corrupto e corruptor para que possamos colaborar com o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas de nossos educandos.

\* **Wolmer Ricardo Tavares** - escritor, palestrante e mestre em Educação. É coordenador de pós-graduação, pesquisa e extensão da Unipac Lafaiete e docente da mesma entidade.

Atua em temas como tecnologia da informação, empreendedorismo, planejamento estratégico, marketing, gestão do conhecimento, gestão da informação e educação.

## O papel da escola na formação do cidadão crítico

\* **Miguel G. Arroyo**

Podemos nos aproximar do tema em uma perspectiva histórica, nos perguntando em que contexto político se afirma que o papel da escola é formar o cidadão crítico? Entre nós aparece no movimento cívico, antiautoritaríssimo, pró-participação cidadã e política. Os profissionais da educação, em sua diversidade de associações e sindicatos, aderem a esse movimento cívico-participativo.

A pergunta passou a ser central: qual a contribuição da escola e de seus profissionais? Formar para a cidadania, educação para a cidadania participativa. Mas que formação constituirá o cidadão participativo? A pedagogia, os currículos críticos, conscientizadores. Formar docentes-educadores críticos para formar cidadãos críticos. Quem seriam os destinatários dessa formação crítica? Os setores populares.

E hoje, como é avaliado esse papel? Estamos em outro momento social e político. Alguns fatos nos obrigam a repensar esse papel social da escola na formação do cidadão crítico.

A presença afirmativa dos setores populares organizados em movimentos sociais, em sua maioria pouco ou não escolarizados, se mostram críticos, combativos, lutando por direitos à terra, moradia, territórios, trabalho, escola, saúde, transporte, comida, identidade... Onde se conscientizaram? Na vivência da opressão (Pedagogia do oprimido), nas lutas por libertação (Pedagogia da libertação), na vivência da organização e dos movimentos (Pedagogia dos movimentos sociais). Logo, da escola, da pedagogia escolar, dos profissionais da escola se exige aprender, somar e incorporar essas pedagogias. Reconhecendo nos currículos esses saberes aprendidos e afirmados nessas pedagogias.

Superar a visão inferiorizante dos coletivos populares ainda presente no ideal de educação para a formação crítica para a cidadania. Essa visão pressupunha que os setores populares e seus filhos ainda não eram cidadãos, mas subcidadãos ou sua cidadania estava condicionada à escolarização, a serem educados, conscientizados, tornados por nós críticos para passar da condição de subcidadania para cidadania. Essa visão de passagem da subcidadania para a cidadania, via escola e formação crítica, é desmentida pelos movimentos sociais. Somos obrigados a repensá-la e superá-la.

\* **Miguel G. Arroyo** - *PHD em Educação pela Stanford University (Califórnia- USA). professor titular emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG), ex-secretário municipal de Educação de Belo Horizonte (MG) e coordenador da Político-Pedagógica Escola Plural.*

# **Tema: O QUADRO DE APOIO E A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA**

## **A comunicação interna na escola**

**\* Solange Leme de Oliveira**  
**\* Hely Zavattaro**

Passamos por mudanças em ritmo acelerado como nunca antes aconteceu. O conceito de "transição de paradigma" parece se adequar perfeitamente, para explicar o que vemos, tanto de acontecimentos positivos, como desordens naturais e sociais que geram insegurança.

A comunicação é a ferramenta que homens e mulheres têm para procurar entender o mundo à sua volta e, junto com os outros, procurarem direcionar sua história e não simplesmente "serem levados pelos acontecimentos".

Os meios de comunicação existentes são muitos. Que aspectos devem pesar na escolha do que será ou parece ser o mais adequado, lembrando que toda e qualquer comunicação, por mais simples que seja, não está despida de um valor político: como o outro é percebido? O que leva ao seu conhecimento? O que oculto e por quê?

Estes são os aspectos a serem abordados na palestra/workshop: "A comunicação interna na escola", cuja metodologia compreenderá exposição dialogada, vídeos, e técnicas de dinâmica de grupo.

**Solange Leme de Oliveira** - mestre em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Pedagoga com especialização no Sistema Montessori de Educação.

**Hely Zavattaro** - psicóloga formada na UFPR. Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior, em Psicologia Organizacional e do Trabalho, com mestrado concluído na USP em Psicologia Social e do Trabalho. Professora universitária, pesquisadora e consultora há mais de 20 anos.

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **Tema: A INCLUSÃO QUE DÁ CERTO**

### **Diferenciar para incluir: a educação especial na perspectiva da educação inclusiva**

**\* MariaTeresa Eglér Mantoan**

Muito antes da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência/ONU (2006), que foi assimilada à nossa Constituição de 1988 pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência - Convenção da Guatemala (2001) esclarecia o fato de não constituir discriminação a diferenciação ou preferência adotadas para promover a integração social ou o desenvolvimento das pessoas com deficiência, desde que a diferenciação ou preferência não limite em si mesma o direito à igualdade dessas pessoas e que elas não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência (art. 1º, nº 2, b) Por essa Convenção, as diferenciações são, em algumas circunstâncias, admitidas, mas jamais serão permitidas a exclusão ou limitações e restrições se o motivo for a deficiência.

Desatrelada das conquistas de movimentos em favor da inclusão escolar e contrários à discriminação e preconceitos de qualquer natureza, a educação especial, até 2008, diferenciava o atendimento aos seus alunos, os excluindo dos ambientes comuns de escolarização, em classes e escolas especiais.

O propósito atual da educação especial é se alinhar ao que preceitua a nossa Constituição, ao estender e aprofundar a compreensão do direito à educação pela internalização desses e de outros documentos internacionais dos quais o Brasil é signatário.

Mas não é tão fácil e palatável aos sistemas de ensino e aos que pleiteiam a educação especial, na sua concepção excludente, assumir essa virada de sentido da diferenciação. Essa dificuldade, embora até certo ponto esperada, tem se traduzido por uma resistência vazia de argumentos e de embasamento teórico metodológico que convença a volta atrás, o retrocesso aos tempos em que o entendimento da educação comum e da educação especial permitia e sustentava os benefícios de diferenciar para excluir.

Munidos das prescrições de nosso Ordenamento Jurídico, é possível e urgente que se garanta a igualdade de direitos a uma educação que livra os alunos de qualquer diferenciação para excluir e/ou inferiorizá-los e que assegure o direito à diferença, quando lhes é propiciado um atendimento especializado, que considera suas características e especificidades.

*\* MariaTeresa Eglér Mantoan - professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).*

## **Tema: MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OUVIR, APRECIAR, FAZER**

**\* Neide Esperidião**

O ensino da música esteve ausente das escolas públicas brasileiras durante longos anos. Essa ausência deveu-se, principalmente, às diretrizes ideológicas da educação tecnicista que, na década de 70, determinou uma orientação curricular direcionada para as disciplinas que visavam à formação de mão de obra especializada. Atualmente, esse cenário foi alterado pela Lei Federal nº 11.769/08, que determina a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica do país.

A música, considerada como forma de linguagem expressiva da criança, envolve dimensões afetivas, cognitivas, psicomotoras e contribui para a construção e a organização do pensamento, favorecendo o diálogo da criança com o mundo e consigo mesma. A neurociência e a teoria das inteligências múltiplas de Gardner (1983) têm comprovado os inúmeros benefícios que o aprendizado musical oferece, liberando potenciais criativos e produtivos nos indivíduos, com resultados surpreendentes para as áreas da educação e da saúde.

A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1978) aponta que a aquisição de novos significados deve pressupor a existência de proposições relevantes na estrutura cognitiva da criança, gerando uma predisposição para aprender significativamente. Nesta direção, considera-se a educação musical um processo de construção do conhecimento musical significativo, que deve ocorrer por meio de três eixos norteadores do ensino musical: apreciar, produzir e contextualizar.

Apreciar corresponde à escuta da paisagem sonora de forma significativa; produzir se refere ao fazer musical que incorpora a criação e a improvisação sonoro-musicais; e a contextualização, implica nas informações musicais internalizadas de forma reflexiva, fundamentados nos estágios de desenvolvimento de Piaget e na perspectiva histórico-social de Vygotsky. Hoje, a educação musical é vista como uma prática social discursiva compartilhada pelos indivíduos em múltiplos espaços, levando-se em conta a alteridade e a diversidade de culturas, devendo ser praticada especialmente pelas crianças em idade escolar.

*\* Neide Esperidião - doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Música pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e coordenadora dos cursos superiores de bacharelado em Música e licenciatura em Educação Musical da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (Fito).*

## **Tema: OS SINDICATOS DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO**

### **Sindicato: sujeito político, educador coletivo e instrumento de defesa dos direitos dos trabalhadores da Educação**

**\* Helder Molina**

Os sindicatos são instrumentos de construção da consciência de classe, de organização coletiva para a ação política dos trabalhadores. Portanto, é um intelectual orgânico da classe. Nesse sentido, os sindicatos ganham importância na medida em que eles têm um papel fundamental de fazer com que as ideias e a cultura produzida pelos trabalhadores sejam socializadas, na direção da disputa pela hegemonia na luta contra o capital e suas ideologias.

A classe dominante conta com os aparelhos de hegemonia como o próprio Estado e suas instituições, os meios de comunicação, a educação etc. No caso da classe trabalhadora, ela conta com os sindicatos, os movimentos sociais e os partidos operários. Entretanto, a crise social e seus elementos socioregressivos só aprofundaram as tentações neocorporativas e as práticas burocráticas sob o discurso de sobrevivência e da prática possível diante das dificuldades da ofensiva do capital.

Vivemos um tempo complexo. As inovações tecnológicas, o endeusamento do mercado, que transforma o dinheiro numa religião; a alienação crescente dos jovens, a falta de perspectivas profissionais e a exclusão crescente das massas trabalhadoras colocam para os sindicatos o desafio de se debruçar nos estudos, abandonar as respostas fáceis, os chavões, as palavras de ordem vazias de conteúdos e aprofundar na reflexão política da realidade em que vivemos.

Os sindicatos de trabalhadores em Educação defendem o direito à educação na sua forma pública como direito de todos e contra os privilégios que negam o direito à maioria, é defender condições adequadas de trabalho a cada professor e a cada professora, é defender salários dignos, piso e carreira, hora/atividade, formação continuada, enfim, é defender a valorização profissional. Temos acompanhado nos últimos anos uma permanente discussão acerca da importância da educação, da sua relevância para o desenvolvimento do país em todos os aspectos.

Temos visto a manifestação de muitos grupos sociais defendendo a necessidade da educação como fator de promoção humana, a necessidade da melhoria dos prédios escolares, que já foram imponentes e de arquitetura bem elaborada quando a escola pública não era para a classe operária. Só é possível haver educação de qualidade, educação emancipadora, com a participação ativa e o protagonismo político dos trabalhadores da Educação organizados em sindicatos. E que só é possível sinalizar para as crianças e os jovens, os pais, a



# Quarta-feira, 26/10

## **Tema: A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **A literatura literária na escola**

**\* José Antônio Homem de Montes**

A palestra se baseará em dois artigos do escritor, pesquisador e professor Ricardo Azevedo e na minha experiência com livros infantis, como produtor, editor e criador de espaços mediadores de leitura.

Os artigos são: “Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias” (1999) e “Formação de leitores e razões” (2004), que abordam os diversos tipos de livros para crianças e a importância de cada um deles e, principalmente, as características da literatura de ficção e da utilidade (ou inutilidade) do uso dessa literatura nas escolas. Será abordada a importância de se trabalhar o livro de literatura na escola, como arte, que tem motivações estéticas e trata de assuntos subjetivos, não utilitários como os livros didáticos ou paradidáticos.

A leitura de pequenos trechos de obras literárias ilustrará a palestra. O livro “A arte de ler”, da especialista francesa Michele Petit, também será citado para mostrar a importância da leitura de obras literárias na formação de futuros leitores.

O exemplo prático do projeto Fura-Bolo procurará mostrar como o uso da literatura e da cultura popular em sala de aula foi responsável por uma pequena transformação na vida de milhares de alunos e professores.

Será mostrado, também, como uma livraria especializada (e um livreiro com especialização em literatura infantil) pode ajudar escolas na escolha de acervo para bibliotecas escolares, também importantíssimas para a formação de leitores críticos, em projetos de leitura e na criação de eventos de qualidade para o público infantil, como contações de histórias, encontros com autores e ilustradores, apresentações teatrais e musicais, entre muitos outros.

**\* José Antônio Homem de Montes** - *especialista em literatura infantojuvenil e editor da ÔZé Editora. Foi coordenador do Projeto Fura-bolo, da Fundação Cargill, baseado em literatura infantil e cultura popular.*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

## "Era uma vez deuses e fadas... A literatura na educação infantil"

\* **Sônia Branco**

A utilização dos contos de fada como técnica expressiva é adotada por muitas linhas educacionais conhecidas hoje em dia, mas para muitos povos já era uma prática utilizada - inconscientemente – com a finalidade de "curar" a alma, transmitir ensinamentos ou introduzir novos ciclos na vida dos indivíduos, atuando como ritos de passagem entre etapas de amadurecimento em suas vidas.

Os contos de fada têm a enorme capacidade de encantar crianças e adultos, mas a sua função vai mais além: eles transmitem valores e costumes e ajudam a coordenar a própria vida através de situações conflitantes.

A origem dos contos de fada está ligada ao relato oral popular. Algumas civilizações antigas utilizavam os contos, as parábolas e as fábulas como meio de ensinamento às gerações mais jovens. Através da tradição de se contar histórias tendiam a perpetuar por todas as outras gerações a vida de seus antepassados.

Estes contos restauram o significado da vida nas crianças e nos adultos.

As histórias ajudam a desenvolver o potencial criativo do indivíduo e seu intelecto, tornando claras suas emoções, possibilitando-o, assim, a enxergar o que antes lhe era difícil: a solução dos problemas.

A arteterapia, além do aspecto emocional, intervêm no aspecto cognitivo durante o desenvolvimento da criança. Faz com que, em determinadas atividades, ela realize análise e síntese e compreenda as questões do apreender com maior facilidade.

Até porque, as histórias possuem uma estrutura narrativa de fácil assimilação e compreensão.

Então, assim, os contos de fada cumprem seu papel, o de modificar o destino do herói e conduzi-lo por um caminho onde tudo que ele encontrará não são obstáculos, são aprendizagens.

\* **Sônia Branco** - graduada em Fonoaudiologia pela Uesa, com especialização em Arteterapia em Educação e Saúde pela AVM. Experiência na área de Fonoaudiologia Educação Espacial. É pesquisadora nas áreas de mitologia grega e contos de fada. Co-autora do livro "Contos de fada - vivências e técnicas em arteterapia" e autora do livro "Deuses e fadas - arteterapia e arquétipos no dia a dia".

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

## **Tema: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A EDUCAÇÃO**

### **A família, a escola e a autoridade na sociedade contemporânea**

**\* Rubens de Aguiar Maciel**

A subjetividade humana é produto do seu tempo histórico e social. Enquanto o homem do século XX tinha parâmetros claros, o homem contemporâneo perdeu grande parte de suas referências e se defronta com a dissolução dos laços afetivos e uma identidade polimórfica. Ao mesmo tempo, a propaganda elege a "felicidade" como o objetivo maior, algo que se busca no exterior.

O homem da modernidade construía sua identidade utilizando-se da repressão para seguir as normas e construir condições de segurança para ele e sua família dentro da lógica do mercado de produção. Na atualidade, em uma situação de mercado de consumo e da liberação dos costumes ele dá livre vazão aos seus impulsos.

O indivíduo de hoje é refratário à ideia de que a vida traz sofrimentos e não compreende que com eles o homem pode aprender e crescer. Como consequência, temos a perda do senso de autoridade baseada na experiência. Ao lado da dissolução do laço social temos também a liquefação dos laços familiares. Os pais já não desejam assumir o papel da autoridade por conta da conotação negativa que esta palavra adquiriu. Vivemos uma época das "patologias da ética", de uma "nova erótica" e da "medicalização da vida".

Os jovens, carentes de laços afetivos, encontram nas redes sociais uma esperança e criam turmas com milhares de amigos. Suas relações assumem a forma do "ficar" caracterizada pelo tempo extremamente rápido e a falta de intimidade. Como sintoma de suas carências, buscam nos professores e nos mais velhos uma referência afetiva e passam a chamá-los de "tio".

O jovem não apreende a tolerar o contato com a falta, com o vazio e, assim, se aliena de seus conteúdos internos. Este trabalho convida a uma reflexão sobre o apagamento da função da autoridade e sugere um encaminhamento sustentado em uma nova ética chamada "ética de sentido", que inclui um movimento de interiorização, com uma revisão dos valores da sociedade atual em que o encontro se dê entre "vulnerabilidades conscientes".

**\* Rubens de Aguiar Maciel** - psicanalista, mestre e doutor pela Faculdade de Saúde Pública da USP, coordenador de grupos de Desenvolvimento Humano e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## Mas, afinal, o que é educar? Um olhar psicanalítico sobre a educação

\* **Leny Magalhães Mrech**

Não se ignora mais o impacto da obra de Freud na cultura. É comum haver informações esparsas a respeito da teoria psicanalítica nos jornais e revistas, com a predominância dos novos sintomas sociais discutidos por psicanalistas de renome.

Porém, isso não acontece em relação à Educação. Ela parece ocupar um lugar na cultura contemporânea mais vinculado ao atraso, às formas de expressão mais arcaicas. E foi esse aspecto arcaico e degradado que me chamou a atenção. Muitos consideram que não existe nada de novo no contexto da Educação. Mas, será?

Alguns psicanalistas, ao lidarem com as questões educativas, costumam partir de uma resposta prévia, elaborada a partir dos ensinamentos de Freud. Eles dizem que é impossível educar, é impossível ensinar.

Contudo, esta maneira de considerar simplifica enormemente uma questão que é muito mais ampla e delicada. Pois, será que este "impossível de educar, impossível de ensinar" é o mesmo em diferentes momentos da história da Educação?

Tudo pareceu mais claro quando encontrei em Eric Laurent um aprofundamento destas discussões ao alertar para se tomar cuidado com algumas formas redutoras de análise: "Dizer que é impossível ensinar é dizer que é preciso, incessantemente, remeter ao canteiro de obras tudo o que apareceu, em um dado momento, como uma solução para essa aporia". (Eric Laurent, 2002:7)

Laurent aponta para a necessidade de se continuar a trabalhar, a se questionar, a investigar. A resposta de Freud não seria uma resposta final, mas sim inicial. Tudo começa a partir dela.

Então, as perguntas dos professores: como faço para educar o meu aluno? Como faço para ensiná-lo? Seriam perguntas absolutamente essenciais, exigindo algumas respostas dos psicanalistas e pesquisadores.

Nesta apresentação discutirei algumas das respostas iniciais a estas questões. Respostas que abarcam as discussões de alguns psicanalistas como Freud e Lacan e outros estudiosos como Lipovetsky, Alain Touraine e outros. Um convite para os professores se localizarem no momento atual da cultura e da Educação.

\* **Leny Magalhães Mrech** - livre docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Psicóloga, socióloga e psicanalista. Membro efetivo da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise, coordenadora do Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Educação da USP, autora do livro "Psicanálise e educação: novos operadores de leitura", da Editora Cengage (edição digital), e coordenadora do livro "O impacto da psicanálise na educação", da Editora Avercamp.

# **Tema: LIDERANÇA, GESTÃO ESCOLAR PEDAGÓGICA: O DESAFIO DE FAZER ACONTECER**

**\* Heloísa Lück**

A gestão escolar se constitui num trabalho de articulação da diversidade de aspectos constitutivos da atuação escolar, assim como de mobilização de pessoas para a realização dos objetivos educacionais da escola. Dentre o conjunto de dimensões constitutivas da gestão escolar, a gestão pedagógica é a central, por ter como foco e como condição de trabalho a aprendizagem e o desenvolvimento humano socialmente contextualizado.

Gestão escolar competente é aquela que tem em mente, em todos os seus atos, a promoção da aprendizagem e formação dos alunos. Promover na escola a mobilização de pessoas para assumirem a aprendizagem como um valor que deve estar presente no modo de ser e de fazer escolar é, pois, papel dos gestores escolares que demanda atenção perspicaz contínua e competências especiais.

Analisar as perspectivas com que são executadas as diferentes ações escolares, como agem os participantes da comunidade escolar, que atitudes e valores orientam essas ações está na base desse trabalho. A partir dessa compreensão, cabe estabelecer, mediante perspectiva proativa superadora do lugar comum, encaminhamentos que orientam o desenvolvimento da observação, da reflexão e da construção sistemática do conhecimento em associação com o conhecimento universal construído na busca contínua da melhoria da qualidade do ensino.

Fazer acontecer a aprendizagem como um estilo de vida, como um modo de ser e de fazer da escola, como um processo aberto em que os profissionais do estabelecimento de ensino aprendem e desenvolvem competências enquanto trabalham e promovem ações educacionais que envolvem os alunos num processo ativo de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

**\* Heloísa Lück** - mestre e doutora em Educação pela Columbia University (Nova York), com pós-doutorado em Pesquisa e Ensino Superior pela George Washington University. Atua como diretora educacional do Centro do Desenvolvimento Humano (Cedhap).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

## Liderança, gestão escolar e pedagógica

\* **Roberto Possarle**

Este trabalho tem por objetivo alertar as pessoas para a terrível escassez de lideranças em nossa sociedade. O tema é delicado. As reflexões que faço não são especulativas, mas fruto de vivência na educação, saúde e meio empresarial. Não podemos fechar os olhos e virar as costas, achando que liderança é mais um aspecto e característica profissional e que a escola não deva ser responsabilizada e assumir essa tarefa.

Portanto, temos de alertar para o fato de que a maioria das instituições de ensino – sejam elas federais, estaduais ou municipais – ainda prioriza a demanda do mercado. Uma demanda obtusa, pautada numa realidade vivida em 1970.

As crianças quando entram na escola, são afastadas de coisas que mais gostam, por exemplo: da música, da arte, da dança, da inocência, da natureza e de sua espiritualidade. Com o passar dos anos, vão se tornando pessoas embrutecidas, com valores distorcidos e a inocência perdida.

As nossas escolas estão sem alma, cerceiam a criatividade dos alunos em primeiro lugar e dos professores por osmose e, ao chegarem ao ensino médio, estão todos já muito desestimulados, sem uma formação profunda, contribuindo assim para o verdadeiro apagão de talentos em nossa sociedade. São essas mesmas pessoas, sem preparo nenhum, que quando vão para o mercado de trabalho, reclamam das pessoas que estão sendo promovidas, que viram chefes e líderes. Não conseguem conceber a ideia de sua responsabilidade nesse cenário.

Penso que a implantação de uma política pública para a educação deva ser pautada dentro de um novo paradigma; abandonar a ideia do ter para ser e fomentar o ser para ter. E, além disso, estimular o autoconhecimento, autogestão, autoestima e evolução emocional de nossos educadores. As instituições superiores necessitam também passar por uma profunda revisão de seus currículos, que hoje atendem prioritariamente à profissionalização. É necessário, também, uma grade curricular que enfatize as relações humanas, a educação emocional, a espiritualidade (sem doutrinação religiosa), cidadania, empreendedorismo, criatividade, adaptabilidade etc.

Para finalizar, penso que se faz urgente uma mobilização de toda a categoria, não no sentido de pedir aumento de salário (não que isso seja secundário), mas no sentido de exigir uma flexibilização dos programas de ensino, desde a base até as universidades. Que o paradigma não seja mais a preparação para o mercado de trabalho, mas sim para as relações pessoais e interpessoais, para a vida. Que a escola seja apenas um veículo e um meio para o despertar da consciência.

**Roberto Possarle** - graduado em História, especialista em Saúde Mental e em Psicologia da Consciência e pós-graduado em Psicoterapia Evolutiva Core Energetics.

## **Tema: A LONGA TRAVESSIA ENTRE O SABER E O APRENDER**

**\* Gabriel Perissé**

Onde está o saber? E onde se realiza o aprender? Entre os dois, a travessia é longa.

O "entre" se coloca entre o verbo substantivado "o aprender" e o substantivo "saber". Ao transformar "aprender" em substantivo ("o aprender"), crio uma "coisa" sem alterar sua feição de verbo. Neste "aprender" não houve alteração formal, mas "o aprender" muda de sentido. O artigo "o" diz que aprender é algo. O verbo "aprender" me faz perguntar o que devo aprender. O "aprender" substantivado me pergunta: o que devo fazer para alcançar "o aprender"?

O "saber" verbo tem pelo menos quatro sentidos: eu sei (porque conheço), eu sei (porque estou convicto), eu sei (porque posso fazer), eu sei (porque saboreio). Saber pela inteligência, pela convicção, pela ação e pelo paladar. Como substantivo, saber é cultura, erudição e/ou sabedoria. Trata-se de saber como a preposição "entre" nos faz chegar ao "aprender", tendo, na outra ponta, o saber.

Uma história: uma professora (em 1980...), tinha um aluno que falava "truxe": "Professora, eu trouxe um desenho! Professora, eu trouxe o caderno passado a limpo!" A professora repetia que a gramática ensinava o certo e o certo era "trouxe". O aluno ouvia, mas não entendia. E repetia o "truxe". Com a paciência esgotada, a professora exigiu que o menino escrevesse 500 vezes: "eu trouxe", "eu trouxe"... E trouxesse o exercício-castigo no dia seguinte! O menino cumpriu o dever, as quinhentas linhas devidamente alinhadas: "Professora, aqui está: eu trouxe os trouxe!"

E se a professora, com sabedoria, valorizasse o "truxe", explicando de onde vem e para onde vai? E se trouxesse, a título de exemplo, uns versos do cancionário nacional, em que um vaqueiro admite não ter estudo, mas sente orgulho de suas origens?

No dia de meu nascimento  
Eu já trouxe meu destino  
Eu me chamo Braz dos Santos  
Meu pai se chama Raulino.

Meu pai se chama Raulino  
Meu avô Manuel Vicente  
Eu não tive grande estudo  
Mas sou filho de boa gente.

Como filho de "boa gente", o aluno aprendeu com seus pais a falar "truxe". Na escola, o aprender consiste em não opor/destruir saberes. Existe o povo que fala "truxe" e o povo que fala "trouxe": cada qual tem seu lugar e seu por que.

**\* Gabriel Perissé** - doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

## **Tema: ÉTICA NO DIA A DIA DA ESCOLA**

### **Ética na prática**

**\* Eduardo Farah**

Ética pode ser entendida como a ação que busca o bem, ou seja, a reta razão. A busca do bom e do bem é o foco central do estudo e do uso da ética. De forma simplificada, podemos definir bom ou bem como aquilo que ajuda, direta ou indiretamente, o homem na obtenção ou busca da felicidade. A análise da eticidade dos atos humanos é determinada por meio da análise do seu objeto (a própria ação), das consequências da ação (o que ela gera) e de sua finalidade (propósito ou intenção).

A base da ética, e o que a torna universal, são os valores humanos. A base dos relacionamentos é a confiança. E, por sua vez, a base da confiança é a ética.

O desenvolvimento real da ética passa por abordar e refletir de forma prática sobre as nossas atitudes no dia a dia e em relação aos ambientes e esferas com as quais convivemos (como família, escola, trabalho, consumo, lazer, alimentação, saúde, meio ambiente, comunidade etc.) a partir da visão da ética e da cultura de paz, ajudando no autoconhecimento, na ampliação da consciência e no entendimento da interdependência das coisas.

O entendimento da nossa responsabilidade e contribuição para os problemas e conflitos que vivemos é um passo fundamental para uma mudança de comportamento e a geração de atitudes não violentas e éticas. É importante refletir sobre o nosso papel em diversos ambientes em que atuamos e como geramos conflitos nas nossas relações, aprofundando a compreensão do que vem a ser a ética e como transformar estas situações e encontros como uma oportunidade de praticá-la.

*\* Eduardo Farah - professor da FGV Management e de outras universidades, consultor de empresas há mais de 20 anos, autor de artigos e livros, palestrante e professor em congressos, cursos e treinamento, mestre e doutor em Administração, com ênfase em marketing pela EAESP/FG, graduado em direito pela Universidade de São Paulo (USP). Especialização na Esade (Barcelona) e na Universidade da Califórnia (Riverside-USA).*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---



## **TEMA: O REGISTRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **O registro na educação infantil em suas diferentes formas**

**\* André Carrieri**

**\*\* Anita Viudes C. Freitas**

**\*\*\* Janaina Vargas de Moraes Maudonnet**

O registro como instrumento fundamental para a consolidação da prática reflexiva do professor ganhou destaque nas últimas décadas, com as contribuições de autores como Madalena Freire, Cecília Warschauer, entre outros, e do diálogo com experiências de documentação pedagógica realizadas em vários contextos, inspiradas na abordagem italiana de Reggio Emilia, idealizada por Loris Malaguzzi. É possível que, para alguns, a documentação pedagógica não seja vista mais do que uma nova "moda", distante da realidade concreta enfrentada por parte dos professores. Para a maioria, no entanto, a importância do registro é uma realidade e uma necessidade que se impõe frente ao desafio de desenvolver uma prática pedagógica diferenciada e comprometida com a infância.

A perspectiva colocada aqui se fundamenta no fato de que ela tem por princípios uma dimensão política, cuja prática pedagógica reflexiva e democrática permite resistir aos modelos prontos, alienantes e pautados em resultados padronizados definidores da qualidade e, por outro lado, uma dimensão que permite a construção de significados e, portanto, uma outra compreensão do que significa a qualidade na educação, como sugere Peter Moss.

A documentação pedagógica é uma ferramenta que possibilita a reflexão e a construção do percurso formativo das crianças e adultos na instituição, portanto, é reveladora de uma imagem de infância, de educador e das relações e interações entre ambos. Trata-se de uma investigação em que professores e crianças se tornam conscientes dos processos de aprendizagem em curso no cotidiano da escola porque envolve o registro do trabalho das crianças, o que dizem e fazem e como os professores se relacionam com elas.

Dessa forma, o ponto de partida e um pressuposto fundamental desse trabalho é a forma como concebemos a criança – sujeito, capaz, curiosa, criadora e produtora de cultura e que possui saberes e hipóteses sobre o mundo que a cerca –, razão pela qual deve ser ouvida e considerada, o que vai exigir um adulto sensível, atento às manifestações infantis e com uma escuta apurada às experiências vividas pelas crianças.

Por outro lado, a documentação pressupõe um processo coletivo de reflexão que se inicia com o registro do professor, mas que precisa ser debatido coletivamente. A análise dos registros permite o desenvolvimento de competências individuais e coletivas dos profissionais e os coloca na posição de construtores de teoria sobre e com a infância e não apenas de consumidores e reprodutores de um saber já constituído.



## **Tema: HISTÓRIA DA ÁFRICA: CULTURA E EDUCAÇÃO**

### **História da África: cultura, educação e reconhecimento nacional**

**\* Dagoberto José Fonseca**

Ao longo da história brasileira as medidas implementadas por parte do estado colonial e imperial deixavam nítido o reconhecimento da força demográfica e política dos africanos. Este mesmo reconhecimento público dos africanos, enquanto sujeitos sociais e, portanto, constituintes também de demandas coletivas e de desejos individuais impactaram toda a sociedade e a Igreja Católica no Brasil. Os africanos, mesmo com os diversos sofrimentos, hostilidades e adversidades perpetradas pela violência institucional, patrocinada pelo sistema da escravidão e pelos escravizadores que conquistaram o Brasil, e que construíram a civilização brasileira à medida que colonizaram esta sociedade.

O reconhecimento público e político da população africana e dos afro-brasileiros não é algo novo na história oficial do Brasil, sobretudo por parte daqueles que usaram do trabalho desses para colonizar e civilizar o país. Muitos intelectuais, estudiosos, religiosos, literatos não disseram ao longo da história e da cultura brasileira que o legado africano para o Brasil foi e tem sido imensa, desde a produção musical até a industrial, além das artes, das ciências e das instituições sociais, entre as quais a educacional e as religiosas, na medida em que foi ele, de fato e direito o grande, civilizador e colonizador da nação, isto está presente nas obras de mestres e intelectuais estrangeiros como Rugendas, de Ender, de Debret no século XIX; de Bastide, de Verger, de Andrews, de Skidmore e de Munanga no século XX, entre outros.

O reconhecimento do valor cultural e social dos africanos e afro-brasileiros é antigo no Brasil e também nas sociedades ocidentais europeias. Ele está registrado no seio da ciência e do pensamento europeu.

O imaginário europeu, judaico-cristão, já revela o poder dos africanos, isto está presente e é apresentado na peça "Othello" de Shakespeare, no livro "O nome da rosa", de Umberto Eco; no livro "Vita Brevis", de Jostein Gaarder; no livro "O pequeno príncipe", de Saint-Exupéry; no "Aristóteles" traduzido pelo universo cultural afro-arábico e islâmico para os europeus no século XII. A África e os africanos fazem parte do imaginário cultural e educacional de todas as sociedades, de ontem e de hoje, pois marca a existência humana.

**\* Dagoberto José Fonseca** - *professor da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) de Araraquara.*

# Política de gestão educacional da Lei nº 10.639/03

**\* Marilândia Frazão**

Considerando as disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira nº 9.394/96(LDB) , em particular o artº 26, que foi alterado pela Lei Federal nº 10.639/03 e, posteriormente, pela Lei nº 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro Brasileira, Africana e Indígena.

Nesse sentido podemos sinalizar como justiça social, na qualidade social da educação, a garantia da construção de uma agenda educacional e de ensino de Inclusão Social e Cultural da Diversidade Étnico-racial, demonstrando que a sociedade brasileira se forma também da ancestralidade africana, da herança linguística, religiosa, intelectual, econômica, estética, física, política, cultural, geográfica e social.

A questão etnicorracial ainda não havia encontrado em nosso país um tratamento à altura dos desejos de justiça social que alimentam o sonho da república democrática. A reprodução de preconceitos, as exclusões, as diversas e nem sempre sutis formas de discriminação racial cruzam a vida brasileira, e essas práticas causam vítimas.

O grande desafio está em pautar no plano do direito a educação, compreendo que no Estado democrático a lei como segurança dos direitos humanos, a educação, o direito à igualdade racial, à diferença, à diversidade. Portanto, o Estado ainda não incorporou como política do sistema educacional e de ensino,; é tratada só no campo da subjetividade.

Nesse aspecto não cabe apenas pautar, mas efetivar a laei nas práticas pedagógicas e na gestão, de tal modo no sistema de ensino, nas secretárias estaduais e municipais.

**\* Marilândia Frazão** - *professora, psicopedagoga e estudiosa das questões etnicorraciais na educação/gestão pública, coordenadora geral do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Etnicorracial de São Paulo, membro da coordenação estadual da Comissão de Assuntos Educacionais (Caed) do Partido dos Trabalhadores e da Coordenação Estadual de Entidades Negras de São Paulo (Conen-SP).*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# **Tema: MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIA A PARTIR DA EaD**

## **Sociedade em rede, tecnologia e educação: caminhos da EaD**

**\* Daniela Fonseca Costa**

A educação infantil é o espaço promotor do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, que contempla nas múltiplas linguagens: artística, oral e escrita, midiática, corporal, entre outras, o ponto de partida para o desenvolvimento da criança ao longo de toda a sua vida escolar que aqui se inicia.

Diante da realidade de que a educação precisa compreender e incorporar novas linguagens, cabe ao professor buscar se qualificar frente às novas tecnologias. Se permitir explorar, conhecer, reinventar, utilizando novos recursos, novas formas de aprender e ensinar, produzir, comunicar e representar conhecimento. Neste percurso, a formação continuada do professor é um agente motivador e transformador dentro da unidade escolar.

Em constante mudança e reorganização frente às características da sociedade em rede, o cotidiano das pessoas foi fortemente influenciado quanto à comunicação, ao trabalho, ao relacionamento e ao modo com que aprendemos e ensinamos. Desta forma, suportes tecnológicos e a rede mundial de computadores constituíram o que esta sociedade requer também para a educação.

A educação a distância rompe barreiras de espaço e tempo, oportuniza redes de comunicação e interação que garantem a democratização do acesso à informação, conteúdo, compartilhamento de arquivos e experiências, bem como favorece a produção coletiva do conhecimento.

Neste contexto, o professor tem na educação a distância a oportunidade de buscar esta formação continuada, que por vezes lhe é negada por problemas de tempo, deslocamento e jornada ampliada de trabalho. E neste ambiente virtual de aprendizagem fomentar novas práticas educativas, a partir de uma rede de colaboração, em que todos aprendem juntos, socializando suas experiências, aplicações bem e mal sucedidas, idéias e sugestões que somam para o processo de ensino e aprendizagem.

**\* Daniela Fonseca Costa** - graduada em Geografia e Pedagogia, especialista em Geoprocessamento e professora orientadora de informática educativa (Poie) na educação infantil.

## Experiência do uso das múltiplas linguagens em sala de aula compartilhadas pelo curso em EaD

\* **Juliana Navarro**

Trabalhar com as múltiplas linguagens em educação significa ajudar as crianças a perceberem qualidades e características, nem sempre evidentes, de modo mais significativo. Hoje é cada vez mais necessário que o nosso aluno seja capaz de compreendê-las como, por exemplo, as plásticas, gestuais, musicais, de imagem, do cinema, do teatro, histórias infantis, entre tantas outras.

É um processo em que a criança é instigada a desenvolver um trabalho ativo de construção de significados. Estes significados são elaborados a partir de conhecimentos já incorporados sobre o assunto, o que se pode chamar de repertório e sobre o tipo de material que serve de suporte como, por exemplo, jornal, revista, livro, televisão, imagem, vídeo, cinema, internet etc.

É importante propor atividades em que se possa observar sutilezas na forma, nas cores, na textura. É essa percepção que precisa ser identificada pelos alunos nas variadas modalidades: outdoors, páginas da internet, contratos, receitas, dramatizações; aguçando a sensibilidade para a observação de quadros, esculturas, com a proposição de releituras, onde o aluno seja criador a partir de algo que lhe serviu como inspiração. Não se pode esquecer a música como mais um elemento fundamental para se trabalhar a sensibilidade humana. As atividades de dança, de interpretação de letras, da análise de trilhas sonoras, ou ainda a música como componente de atividade de relaxamento ou de descontração.

O trabalho apresentado terá como objetivo demonstrar as possibilidades de compartilhar informações através de discussão, *chats* e fóruns, o uso de e-mails e páginas nas quais o recurso, por si só, não garante a inovação, mas depende de um projeto bem montado, alimentado por professores e alunos usuários.

\* **Juliana Navarro** - graduada em Artes Plásticas pela Faculdade Santa Marcelina (Fasm) e em Pedagogia pela Universidade Paulista (Unip). Atualmente, é professora de Arte da rede municipal de ensino de São Paulo.

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

## Múltiplas linguagens na educação infantil: vivências a partir de EaD

\* **Ricardo Nunes de Deus Neto**

Estas reflexões se baseiam na experiência que tivemos quando da realização do curso "As múltiplas linguagens na escola: a arte fazendo sua parte", promovido pelo Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo (SINPEEM).

Na busca por experiências concretas que possibilitem uma evolução pessoal e profissional, muitas vezes nos deparamos com desafios frente à nova realidade: o uso da informática no processo de ensino/aprendizagem.

Vivenciamos uma revolução cultural em que o pensar está priorizado de forma a resgatar o homem como protagonista do futuro no uso adequado das máquinas e suas implicações no fazer pedagógico. Diante disso, indagamos: qual o papel do professor no uso das novas tecnologias em seu cotidiano escolar? Qual a importância desta ferramenta na educação infantil?

Entendemos que a prática dos profissionais da educação infantil, aliada à pesquisa, constitui um conjunto de experiências que são capazes de sustentar projetos pedagógicos que atendam à especificidade da formação humana nesta fase da vida.

Para Almeida & Prado (1999, p.1): "Hoje é consenso que as novas tecnologias de informação e comunicação podem potencializar a mudança do processo de ensino e de aprendizagem e que os resultados promissores em termos de avanços educacionais se relacionam diretamente com a ideia do uso da tecnologia a serviço da emancipação humana, do desenvolvimento da criatividade, da autocrítica, da autonomia e da liberdade responsável".

Esta é a nossa responsabilidade. O nosso compromisso diante da nova forma estrutural com que se apresenta a sociedade dos dias de hoje: o despertar em nós e em nossas crianças a vivência plena de todas as formas de conhecimento, pois: "Só desperta paixão de aprender quem tem paixão de ensinar".(Paulo Freire)

\* **Ricardo Nunes de Deus Neto** - pedagogo,  
diretor de escola da Emei Desembargador  
Dalmo do Valle Nogueira (DRE Butantã).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

# Quinta-feira, 27/10

## **Tema: SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO**

### **Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar**

**\* Renata Paparelli**

Apresentamos os principais resultados da pesquisa "Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar", que buscou responder às seguintes questões: quais são os principais determinantes do desgaste mental de professores de ensino fundamental nas escolas públicas hoje? Como eles aparecem na vivência dos professores? Que formas de enfrentamento e de resistência estão sendo engendradas pelos docentes? Para respondê-las, entrevistamos professoras de uma escola da rede municipal de ensino paulistana, que viviam diferentes situações de trabalho: readaptadas, afastadas por problemas mentais e atuantes em sala de aula.

Desde a invasão da escola por uma lógica neoliberal produtivista, materializada pelos programas de regularização de fluxo escolar implantados a partir dos anos 1990, o trabalho docente vem passando por reestruturações que vão na direção de sua intensificação, da ampliação dos tipos de tarefas, da sua desqualificação e da precarização das relações de emprego, se consolidando a desvalorização do trabalho educativo.

A pesquisa constatou que, em uma escola norteadada pela seriação, os ciclos de aprendizagem pioram as condições de trabalho no magistério na medida em que o impedimento à ação de reprovar os alunos implica em perda do controle docente, em aumento da indisciplina e do desinteresse do aluno por uma escola cujo objetivo se tornou basicamente credencialista. Sob essas condições, os alunos que até os anos 80 viviam a exclusão da escola, agora nela permanecem, mas sem aprender, vivendo a exclusão na escola.

As inúmeras tentativas docentes de reverter esse quadro acabam, frequentemente, se transformando em estratégias para minimizar o desgaste no trabalho, sendo concretizadas em ações que representam uma espécie de renúncia ao papel de educador.

Essa desistência de educar significa, ao mesmo tempo, uma renúncia ao sentido do trabalho docente que, desse modo, passa a gerar intenso desgaste mental.

**\* Renata Paparelli** - psicóloga, professora de Saúde do Trabalhador no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

## **Tema: UM OLHAR ATUAL SOBRE A AVALIAÇÃO**

### **Desafios da avaliação: em defesa da igualdade de resultados**

**\* Ocimar Munhoz Alavarse**

Será possível uma avaliação educacional que não esteja a serviço de "escolher os melhores" alunos ou professores?

A partir dos anos 80, se estabeleceu no mundo acadêmico uma visão que identifica no interior das escolas práticas avaliativas consideradas como "classificatórias e seletivas" e produtoras de exclusão, evidenciadas nas taxas de reprovação e evasão. Neste sentido, foram desencadeadas iniciativas associadas aos ciclos e à promoção automática.

A partir de meados dos anos 90, consubstanciado no Saeb, teve início no Brasil um processo de disseminação de avaliações externas às escolas, que rapidamente se transformaram, acentuadamente, nas mãos de governos de direita, em pontos de apoio para a responsabilização, quase que exclusiva, dos professores pelos resultados dos alunos nessas avaliações.

No fundo, o desafio, especialmente para o ensino fundamental, é o de introduzir no debate educacional a defesa da igualdade de resultados, isto é, o desafio da aprendizagem para todos como um direito dos alunos, evidenciando que tal direito se expressa nos termos de um dever da escola, mas que não pode ser confundido com a responsabilização absoluta dos profissionais da escola nem confundido com a massificação de provas externas.

Uma escola obrigatória não poderia apresentar as atuais disparidades de aproveitamento entre seus concluintes, quer pelos critérios das avaliações internas, quer pelos advindos de avaliações externas.

Então, próximos da igualdade de oportunidades para todos, é politicamente necessário defender um processo de escolarização que tenha como meta a igualdade de resultados nas aprendizagens, sublinhando, entre outros tópicos, a necessidade de práticas avaliativas formativas. Isto abarca, inclusive, o debate sobre as alternativas de organização dessa etapa e o combate por políticas e práticas que garantam esta igualdade, ressaltando três aspectos que seriam indispensáveis no âmbito da reorganização da avaliação e do tempo escolar: diferenciação pedagógica, percursos individualizados e trabalho coletivo.

Para isso, não há nada que nos indique que devemos procurar pelos melhores, quer sejam alunos ou professores. Mas, por outros patamares de trabalho pedagógico.

**\* Ocimar Munhoz Alavarse** - professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp).

# Qualidade da educação: qualidade das escolas

\* **José Francisco Soares**

Na literatura educacional, o conceito de "qualidade da educação" tem muitos significados e, portanto, não pode ser objetivamente estudado sem que seu significado seja precisado.

Neste trabalho, usando artigos da Constituição Federal e da LDB, argumenta-se que o dever do Estado com a educação se efetiva principalmente com o oferecimento da educação escolar, aquela parte da educação que ocorre nas escolas. Essas instituições foram criadas para oferecer, em nome do Estado e das famílias, através do ensino, oportunidades de aquisição das competências cognitivas e sociais, definidas como necessárias pela sociedade.

Diante disso, o texto argumenta que o conceito de qualidade da educação, para fins de garantia do direito constitucional à educação, deve ser tomado como equivalente ao de qualidade da escola. O texto argumenta que o monitoramento da qualidade da educação deve incluir indicadores dos recursos disponíveis para a escola, dos processos que utiliza e dos resultados que obtém, entre os quais se destaca o aprendizado dos alunos.

As informações públicas existentes sobre os resultados das escolas são utilizadas para calcular o efeito das escolas brasileiras de educação básica que participaram da Prova Brasil de 2007.

Palavras-chave: qualidade da educação, monitoramento de escolas, indicadores educacionais.

\* **José Francisco Soares** - doutor em estatística pela University of Wisconsin - Madison, pós-doutorado em Educação pela University of Michigan Ann Arbor. Membro do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais da Faculdade de Educação (Game) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## **Tema: A ESCOLA DIANTE DE QUESTÕES ATUAIS DA SEXUALIDADE**

### **Homofobia, postura, erotização precoce e gravidez na adolescência**

**\* Ana Canosa**

Desde que a orientação sexual passou a ser proposta como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) a escola brasileira vem tentando se adaptar ao trabalho com a sexualidade. Partindo da dimensão biológica do corpo reprodutivo, campo mais concreto, e já destinado aos professores de Ciências e Biologia, as questões subjetivas não tardaram a surgir. Questionamentos que dizem respeito ao afeto, às escolhas, às dúvidas, ao julgamento moral, ao desejo sexual, entre outros, se apresentaram por todos os espaços. E a falta de respostas fechadas e 'certeiras' gerou ansiedade em toda comunidade escolar.

A questão que se tornou clara é que em se tratando de sexualidade não é possível normatizar. Cada pessoa se constitui homem ou mulher com peculiaridades. Parte do corpo para a construção da identidade de gênero e sexual, na relação intensa com a família, o ambiente social, elaborando suas relações interpessoais ao seu modo. Somados a esse intercâmbio de fatores temos, ainda, a orientação do desejo e a expressão do afeto e do sexo que cada pessoa demonstrará. Na história da escola, os fenômenos que envolvem a sexualidade nunca se mostraram tão plurais.

Todo projeto que objetive tratar com a subjetividade do humano terá que olhar também para a dimensão sexual. Na escola, o processo educativo que desenvolve a criticidade, a lógica, a capacidade de interpretar, criar, deduzir, associar, pode ajudar crianças e adolescentes a conhecer sobre conceitos formais sobre o sexo e eticamente refletir sobre os menos formais, mas igualmente importantes: o afeto, o desejo, a responsabilidade, o valor da pessoa humana, o limite entre o público e o privado, o respeito, a busca pelo prazer a negociação. É muito importante que a escola legitime sua ação educativa em sexualidade para que possa, inclusive, construir novas direções para antigos temas.

**\* Ana Canosa** - psicóloga, especialista em Educação Sexual e Terapia Sexual pela Faculdade de Medicina do ABC/Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humanae coordenadora do curso de Pós-graduação em Educação Sexual do Centro Unisal.

## A escola diante de questões atuais da sexualidade

\* **Ronaldo Zacharias**

Partindo do pressuposto de que a sexualidade "é um componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano" (OEA 4) e que, portanto, ela caracteriza o que somos e o nosso modo de nos colocarmos diante dos outros, não há como negar o direito de as crianças, os adolescentes e os jovens receberem uma educação sexual adequada às exigências pessoais.

Cabe à escola oferecer uma apreciação da sexualidade como valor e responsabilidade de toda pessoa. Ela não pode reduzir o seu compromisso de subsidiariedade à tarefa educativa dos pais a uma simples matéria de ensino ou a um conjunto de informações teóricas, mas colaborar para que o educando dê os passos necessários na direção da maturidade afetiva, que implica em progressiva, mas determinada abertura respeitosa ao outro, a fim de estabelecer relações que sejam expressão dos significados mais positivos da sexualidade e, portanto, da integridade da pessoa e da integralidade da sua presença.

Se quiser cumprir a sua responsabilidade educativa, a escola deve ser capaz e propor um itinerário formativo que se fundamente na educação para os valores, na formação da consciência, no respeito à dignidade humana e na promoção da unidade na diversidade.

A escola não pode mais pretender se manter indiferente ao fato de que a sexualidade, para que seja uma realidade personalizada e personalizante, deve ser integrada num projeto de vida que lhe dê significado.

Está em jogo, também na escola, a formação da pessoa na sua totalidade, chamada a se realizar como homem ou mulher que se sente mais ou menos atraída pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto; pessoa que deseja fazer com que a própria sexualidade seja expressão do sentido mais profundo da sua existência e, portanto, linguagem da riqueza ou da fragilidade desse sentido e/ou da sua autenticidade.

Diante dos problemas atuais da sexualidade, não há como se deter apenas neles!

\* **Ronaldo Zacharias** - doutor em *Ética da Sexualidade* pela *Weston Jesuit School of Theology (Cambridge - USA)* e coordenador do curso de *Pós-graduação em Educação Sexual do Centro Unisal*.

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

## **Tema: O CINEMA VAI À ESCOLA**

### **São Paulo, cidade educadora: cinema e educação**

**\* Deborah Rosária Barbosa**  
**\* Cláudia Mogadouro**

A relação entre as produções culturais e artísticas com a educação tem se mostrado profícua quando contribui para produções de sentido e humanização das relações no campo educativo. Dentre as várias possibilidades desta inserção de atividades artísticas e culturais no universo da escola temos o cinema como uma das linguagens privilegiadas.

Embora nem todos tenham acesso às salas de cinema, em alguns equipamentos escolares é possível, a partir dos instrumentais contemporâneos, proporcionar a exposição de filmes em sala de aula, seja para discussão temática específica com os alunos, relacionando com o conteúdo, seja para diversão e entretenimento e porque não dizer lazer e fruição estética. Também é um instrumental interessante na formação continuada dos educadores pois possibilita a discussão de assuntos de relevância para o trabalho deste profissional por meio de acesso a outras linguagens que fogem aos tradicionais textos acadêmicos.

A discussão que aqui será exposta diz respeito a pensar a linguagem cinematográfica por parte dos profissionais da educação no sentido de explorar suas possibilidades e também refletir sobre sua condição atual e, conseqüentemente, na inserção desta linguagem sem sua prática. Por intermédio de cenas de alguns filmes, as autoras se propõem a discutir a cotidianidade e a repetição inerentes aos atos automatizados pelas exigências contemporâneas do campo do trabalho e seu oposto, que seria a humanização e quebra de rotina e automatismos possíveis para a produção de subjetividades não alienadas nem alienantes.

Em síntese, será discutido como o cotidiano "engole" nossos mais íntimos desejos e "encobre" sonhos, possibilidades e, conseqüentemente, esperança, que "descortinados" por meio da experiência estética podem aflorar novamente, alimentando rachaduras que podem promover revoluções pessoais e, conseqüentemente, no campo do trabalho educativo.

**\* Deborah Rosária Barbosa** - *psicóloga, doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP).*

**\* Cláudia Mogadouro** - *historiadora, doutora em Cinema e Educação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).*

## **Tema: A ESCOLA QUE ENCANTA E TRANSFORMA VIDAS**

### **Criatividade, inovação e encantamento: a reinvenção da escola**

**\* Max G. Haetinger**

Nos últimos anos temos sido bombardeados por novos termos, novos olhares e novos valores na vida e na educação. Do marketing surgido nos anos 80 ao bullying nos dias de hoje, a educação e os educadores têm feito um esforço tremendo para se atualizar e gerar novas saídas para um velho problema: a relação entre alunos, professores e o conhecimento.

Mas qual seria a saída verdadeira? Existe uma fórmula consagrada que resolva nossas angústias frente ao quadro quase caótico do ensino/aprendizagem em muitos recantos deste mundo? Como promover uma escola que seja capaz de mudar e se transformar sem perder o conteúdo? Acredito que o dilema em que nos encontramos, como ressalta sempre Edgar Moran em seus livros, é CULTURAL !

Talvez porque, em primeiro lugar, nós, adultos, tenhamos nos esquecido que educar é fundamentalmente um ato de interação e troca cultural e não um simples processo de transmissão e acúmulo de conceitos e fórmulas, afinal não queremos formar alunos "GOOGLE".

Mas, como se vence em um cenário deste? Pergunta-me um amigo diretor de uma escola de 1.000 alunos. Max, como produzir novas formas de ensinar e aprender se somos escravos do conhecimento acumulado e das fórmulas e currículos entupidos de conceitos?

Vamos começar a olhar e refletir sobre as palavras do nosso título: CRIATIVIDADE: esta palavra tem perseguido nosso dia a dia nos últimos 30 anos. Mas o que ela pode realmente propor para a escola e para as relações alunos, professores e conhecimento?

Sem dúvida, a criatividade é uma das valências humanas mais importantes nesta era do conhecimento e da informação. Criatividade é o diferencial dos vencedores, quem gera novas ideias é quem se destaca, não quem acumula informação, afinal qualquer aparelho eletrônico hoje pode reter informação. Por isso, a criatividade passa a ser muito importante em nossa formação,. Não basta acumular, tem de criar para então se diferenciar das máquinas.

A criatividade vem para, de certa forma, substituir a capacidade de memorização no processo de ensino/aprendizagem. Uma escola em que os alunos têm a possibilidade de vivenciar o que sentem necessidade, em que a tarefa começa no banco escolar, mas acaba na comunidade. Da reflexão para a ação, e da ação para a expressão, da expressão para a criação, e da criação nasce a nova sociedade, da prosperidade e dos valores éticos correspondentes com o tempo em que vivemos.

A segunda palavra de nosso título é INOVAÇÃO: inovar é hoje uma necessidade e não uma opção. Inovação está ligada



## **Tema: ARTE E MATEMÁTICA: UMA INCURSÃO INTERDISCIPLINAR**

### **O trabalho interdisciplinar entre arte e matemática**

**\* Rosa Iavelberg**

É preciso respeitar a natureza das duas áreas de conhecimentos: arte e matemática no desenvolvimento de ações interdisciplinares. Na prática, as duas linguagens estão associadas em distintas ações humanas e também ocorrem separadamente.

Um ladrilho hidráulico, por exemplo, que reveste o chão de um espaço, pelos padrões geométricos que apresenta, ou seja, por seu design, é criado com arte. Já a efetivação do desenho do revestimento do chão como um todo e de cada ladrilho, requer associação com a linguagem matemática.

Na sala de aula o planejamento de sequências de atividades interdisciplinares com arte e matemática pode ter como ponto de partida práticas sociais de matemáticos, arquitetos, artistas e outros profissionais que, efetivamente, associam os dois pontos de vista em um objeto comum.

No cotidiano dos alunos, ações conhecidas como fazer uma pipa ou um desenho de observação envolvem, entre outros conhecimentos, os advindos da arte e da matemática.

As ações interdisciplinares são frequentes na área de arte e muitas vezes deformam a natureza dos objetos artísticos, tornando-os acessórios supérfluos das disciplinas tidas como básicas. Defendemos um ponto de vista avesso a este tipo de postura, atribuindo à arte papel fundamental no diálogo entre as disciplinas.

**Rosa Iavelberg** - *professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp).*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **Tema: NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO**

### **Neurociência e educação sob o enfoque da Psicologia histórico-cultural de Vigotski**

**\* Claudia Lopes da Silva**

A psicologia histórico-cultural (PHC) de Vigotski (1896-1934) é uma das teorias psicológicas mais relevantes do século XX, notadamente no campo educacional, no qual tem presença marcante. Em sua breve trajetória de vida, Vigotski abordou uma ampla variedade de temas, como a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, a importância da linguagem e a questão das deficiências, para citar apenas alguns. Entre esses temas, está o interesse do autor no cérebro enquanto base material da psique humana, que contribuiu para fundamentar a psicologia histórico-cultural, corrente teórica fundada por Vigotski.

O objetivo desta palestra é apresentar como o cérebro é conceituado na psicologia histórico-cultural de Vigotski, discutindo as possíveis implicações educacionais desta abordagem. A partir da análise da obra do autor, pôde-se concluir que as teorias de Vigotski sobre o cérebro estão intimamente relacionadas com os fundamentos da psicologia histórico-cultural. Vigotski discutiu o cérebro de forma profunda e inovadora, considerando, inclusive, o que se conhece atualmente a partir das descobertas da neurociência na atualidade. Entre estas ideias, pode-se destacar a constituição da consciência a partir da internalização da experiência social, o funcionamento cerebral através de sistemas funcionais em oposição à visão localizacionista, a articulação entre funções psíquicas elementares e superiores e a defesa do monismo psicofísico, caracterizando a abordagem materialista da psique feita pelo psicólogo russo.

Foi também com base no trabalho de Vigotski que seu colaborador Luria desenvolveu o campo atualmente conhecido como neuropsicologia. Algumas ideias da psicologia histórico-cultural encontram um interessante paralelo na neurociência atual, como a interação entre genes e ambiente, o conceito de imitação, Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e neurônios-espelho, a direção do processo aprendizagem/desenvolvimento implicando que a aprendizagem produz o desenvolvimento, entre outras possibilidades.

Em relação às possíveis contribuições para a educação, ressalta-se a importância de uma educação inclusiva, contemplando a diversidade humana, e o investimento em contextos educacionais desafiadores como fundamental para uma escola que busque expandir cada vez mais a aprendizagem dos alunos e que, através da diversidade de conteúdos, promova a ampliação do repertório de aprendizagem e, portanto, o desenvolvimento humano, já que este se baseia na experiência socialmente construída.

**\* Claudia Lopes da Silva** - doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp).



# Sexta-feira, 28/10

## **Tema: APRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

### **Sobre sonhos e esperança**

#### **\* Companhia Arte Tangível**

Nesta obra teatral “Sobre Sonhos e Esperança”, o público se depara com o pesadelo de uma professora das primeiras séries do ensino fundamental vivendo o cotidiano de uma escola tradicional: amedrontada pela direção da escola e pela sala de aula, seu sonho inicial se refere tão somente a uma fuga para um transatlântico onde não precisaria mais pisar na escola!

Em um momento de grande pressão, a professora, bastante atordoada por seus medos, atrai a figura de Paulo Freire para dentro de seu “pesadelo”. Em uma atmosfera que mistura realidade e sonho, de início, a presença de Freire, com suas ideias de mudança, se faz muito incômoda para a professora. Mas, com o tempo, a professora vai se permitindo algumas reflexões e se recorda de um sonho há tempos esquecido: no início de sua formação sonhava ser uma grande educadora. A partir daí, ela começa a buscar soluções.

Algumas de suas estratégias funcionam bem, outras precisam ser repensadas. De qualquer maneira, ela começa a ser convencida de que o sonho de uma escola diferente é possível, mas exige ação, aliados e tempo.

**\* Companhia Arte Tangível** - criada em 2002, a Arte Tangível apresenta suas próprias obras teatrais e ministra oficinas. Em 2008, teve seu espetáculo “Sobre sonhos e esperança”, aprovado no edital ProAC. Desde então, a peça vem sendo apresentada em atividades de formação de educadores, seminários e eventos de teatro e educação. Este espetáculo está credenciado no Proart, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

#### ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **Tema: AS AULAS PODEM SER MAIS ATRAENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL?**

### **A escola e o transitar pelo mundo**

**\* Márcia Dias da Silva**

Uma discussão bastante atual trata sobre o papel da escola em nossos dias, se a mesma ainda é pertinente e até mesmo necessária. Em tempos em que todas as informações estão disponíveis com apenas um click, algumas pessoas podem achar tentador propor a obsolescência da escola, entretanto, existem argumentos para pensarmos o exato contrário.

Nesse novo mundo, mais do que apresentar informações (hoje, de relativo fácil acesso), o grande desafio da escola é auxiliar os alunos a transitar, ou seja, perceber, traduzir, interpretar, enfim, ler o mundo que os cerca e instrumentalizá-los a serem capazes de realizar suas próprias escolhas. Tudo isso está fortemente ligado à perspectiva de aulas mais atraentes.

Nas palavras de Maria das Graças Moreira da Silva, "estamos vivendo nesta nova sociedade em constante mudança, que está se organizando e reorganizando de acordo com as características da sociedade em rede, da globalização da economia e da virtualidade, as quais produzem novas e mais sofisticadas formas de exclusão. Apenas adentrando criticamente nessa sociedade e buscando compreender seus instrumentos e dinâmicas de mobilização e expansão é que podemos nos apropriar e utilizar seus recursos e meios de interação para a emancipação humana".

Podemos e devemos continuar trabalhando os conteúdos, mas a grande diferença está na forma que faremos isso, interligado ao que ocorre além dos muros da escola. E, para além deles, existem diferentes linguagens que nós, professores, precisamos nos apropriar para auxiliar nossos alunos a utilizá-las com vista à sua emancipação.

A proposta dessa comunicação é apresentar algumas ideias de como podemos tornar nossas aulas mais atraentes, utilizando os recursos que nossos alunos lidam em seu cotidiano, mas que muitas vezes não aprofundam ou fazem de forma automatizada. Tais ideias perpassam pelas tecnologias, pela internet, celular, mas não só por elas, como também por recursos bastante simples e nem sempre explorados em sala, como músicas e quadrinhos.

Abriremos espaço para que os colegas compartilhem suas experiências, pois sabemos que muito vem sendo realizado na rede, para que cada um de nós possa levar para nossas escolas aulas mais instigantes, motivadoras e que, de fato, façam a diferença na vida de nossos alunos.

**\* Márcia Dias da Silva** - mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora de História na Prefeitura de São Paulo, realiza oficinas sobre práticas de ensino e uso de tecnologias para escolas estaduais e participa do grupo de pesquisa da USP/CNPQ sobre ideias de progresso.

## **Tema: O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO**

### **O cinema e o rap como formas de tornar as aulas mais atraentes**

**\* João Felipe Rebelo Goto**

O objetivo desta comunicação é compartilhar algumas experiências práticas em sala de aula que corroboram a afirmação de que aulas mais atraentes, além de possíveis, não são muito mais trabalhosas de se preparar do que as "tradicionais", baseadas no livro didático, na lousa e na voz.

Por mais que os profissionais de educação acreditem levar para a sala de aula temas alinhados aos interesses dos alunos, eles carregam muitas marcas da instituição escolar que, de acordo com o ponto de vista dos alunos, já estão desgastadas e que, conseqüentemente, dificultam o ensino e a aprendizagem. Desta forma, a primeira atitude que o docente pode adotar é criar vínculos com os alunos que permitam abrir brechas nesta resistência, a priori para, a partir daí, conquistar a confiança e o respeito deles.

Uma das estratégias possíveis para realizar esta aproximação é o uso em sala de aula de elementos que fazem parte do dia a dia dos alunos como, por exemplo, o cinema e o rap. Neste sentido, será apresentada uma seqüência didática de História planejada para o 2º ano do ciclo II do ensino fundamental, cujo propósito é trabalhar diversos aspectos do continente africano e da cultura negra, além de mostrar aos alunos a importância de serem sujeitos ativos de suas respectivas vidas. Dentre os diversos recursos utilizados, destaca-se o filme "Invictus", do diretor norte-americano Clint Eastwood, e um trecho de uma música do Racionais MCs, grupo de maior destaque no cenário do rap nacional.

Por último, vale registrar que o ato de compartilhar práticas e experiências em sala de aula é, sem dúvida, uma das melhores e mais eficientes formas de se preparar para enfrentar os atuais desafios que a área impõe aos profissionais de educação.

**\* João Felipe Rebelo Goto** - bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor de História da Prefeitura de São Paulo.

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

## O brinquedo e a brincadeira: do individual ao coletivo

**\* Josiane Pareja Del Corso**

O brinquedo é um objeto cultural carregado de significados, sentidos que são construídos ao longo da história pela ação da humanidade na busca pela compreensão de si, do mundo e das relações que se estabelecem entre si. Podemos dizer que o primeiro e eterno brinquedo da criança é o corpo.

A criança tem a capacidade de transformar os objetos no que ela deseja e esta é a competência simbólica da criança que favorece o jogo simbólico, rico em imaginação, criação, emoção e ludicidade. Objetos "simples" do ponto de vista da obviedade, mas complexos pelas infinitas possibilidades de imaginação, criação e transformação, também são brinquedos para as crianças.

Quando a criança brinca ela está inteira dentro de um coletivo, situação de grandes aprendizagens. As crianças se incluem na brincadeira e incluem as outras. Na brincadeira se utiliza a linguagem do brincar, linguagem legítima da primeira infância.

A criança brinca para estabelecer vínculos, para entender melhor as regras, para incluir; brincar é o principal modo de inclusão. Brincando a criança lida com conteúdos complexos da relação, lida com sentimentos de raiva, com a espera, com a negação do outro, com a frustração diante do não êxito. Lida com o conflito, a negociação, a partilha, enfim, por ser uma linguagem, o brincar é pensamento em ação, precisa de um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem.

Favorecer espaços planejados de forma intencional para que as crianças brinquem e brinquedos que sejam objetos que ofereçam possibilidades infinitas de transformação, favorecendo a interação entre as crianças e o fortalecimento do coletivo será o foco do nosso diálogo.

A brincadeira é, por excelência, o grande cenário da infância que parte de uma ação que fortalece o coletivo, a convivência, a negociação e a cooperação.

Reconhecer a criança como sujeito de uma cultura de infância, com sua complexidade e potência é o caminho para ressignificar os caminhos da humanidade em suas relações individuais em prol do coletivo.

*\* Josiane Pareja Del Corso - especialista em  
Linguagens da Arte e estudiosa da cultura da infância.*

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

## **Tema: OS MUSEUS VÃO À ESCOLA**

### **Museus e escolas: espaços de conhecimento**

**\* Milene Chiovatto**

Os museus e as escolas compartilham socialmente a responsabilidade, em conjunto com outras instituições e instâncias, de educar indivíduos. Cada qual, entretanto, tem seus métodos, sistemas e princípios diferenciados que podem e devem atuar conjuntamente para este fim comum.

O equilíbrio nas atuações distintas deve ser capaz de produzir uma integração que respeite as especificidades de cada um destes espaços e instituições, daí a necessidade de articulação prévia e constante entre seus responsáveis.

Como co-responsáveis, o museu e a escola necessitam de diretrizes comuns, mas também respeitar suas especialidades, tornando a aprendizagem um fluxo contínuo que perpassa de um a outro. Para tanto, seus profissionais necessitam de preparo, percepção acurada das demandas de suas atuações, de seus limites e competências.

Como realizar esta sinergia? Como nos capacitar mutuamente?

Este é um desafio que apenas com empenho mútuo conseguiremos ultrapassar.

Entretanto, além de espaços de educação, no sentido de uma determinada aprendizagem, conteúdo ou sistema estes espaços podem ser vistos como espaços de conhecimento, ou seja, lugares nos quais a participação do educando encontra ressonância durante a própria estância.

Isto significa que é possível pensarmos estas instituições para além de seus fazeres, das ações de seus profissionais, como espaços em que o conhecimento ultrapasse estas e esteja, literalmente, plasmado em si, incentivando a busca do saber a quem deles usufrui.

É possível às instituições se modelarem para esta nova lógica? Até que ponto as instituições podem ser geradoras de conhecimento para além das ações de seus profissionais?

**\* Milene Chiovatto** - coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

## Educação, cultura e patrimônio no Museu da Língua Portuguesa

\* **Marina Sartori de Toledo**

O tema central do Museu é a Língua Portuguesa, fator de identidade do povo brasileiro, tratada aqui em seu aspecto cultural, ou seja, como um elemento intrinsecamente ligado ao universo cultural de seus falantes e enfocada como uma língua dinâmica, que continua a ser construída no cotidiano por esses falantes.

O museu está instalado no prédio da Estação da Luz, marco da história e das relações culturais da cidade e do país. É significativo o fato de a estação, um dos principais pontos de passagem dos imigrantes que chegavam ao país e que continua sendo ponto de contato e convivência entre várias culturas, abrigar o museu que trata da língua portuguesa, enriquecida através do contato entre os diferentes povos que aqui aportaram.

Para tratar de um patrimônio imaterial optou-se por suportes tecnológicos que permitissem explorar aspectos da linguagem não escrita. Vídeos, projeções e computadores, entre outros, permitem mostrar a língua falada, cantada, gesticulada, sentida. Tendo em vista essas características do museu e das múltiplas possibilidades de interatividade, a preocupação do educativo se volta para a forma como o público lida com tantas informações simultâneas.

A mediação é feita, então, no sentido de despertar o olhar do visitante, propiciando descobertas, produzindo reflexões e diálogos que possibilitem uma ampliação da percepção da língua como um elemento vivo e dinâmico, mediadora de nossa relação com o mundo.

Através de diálogos e questionamentos, criando condições para associações, conexões, reflexões, vai-se construindo com o visitante uma rede de significados acerca da língua portuguesa como identidade brasileira e base de uma cultura rica e diversa. Procurando manter o caráter lúdico, presente na expografia, as visitas incluem jogos e dinâmicas que contribuam para uma experiência significativa com a língua.

Sendo a educação patrimonial a base norteadora do trabalho do educativo, o prédio da Estação da Luz, sua história e a da região onde está inserido também são focos de visitas e possibilidades de reflexões acerca da relação da história e das influências culturais incorporadas à língua.

\* **Marina Sartori de Toledo** - educadora, mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e coordenadora do Núcleo Educativo do Museu da Língua Portuguesa (MLP).



## **Tema: REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO**

### **Mídias e redes sociais na educação**

**\* Ladislau Dowbor**

As mudanças que nos interessam mais diretamente se dão, sem dúvida, na base, na própria escola. Mas é importante termos esta visão de que é o conjunto do edifício educacional que está progressivamente se reformulando. É uma era em que não somos só chamados a nos entrosar melhor na compreensão das novas tecnologias e dos novos desafios, mas também a trazer ideias sobre soluções institucionais que geram melhores condições de sua aplicação.

As transformações em curso, em termos institucionais, podem ser agrupadas em torno de três grandes eixos. Por um lado, trata-se do sistema de alianças e parcerias com comunidades, organizações da sociedade civil, sindicatos, empresas, meios de comunicação, enfim, o conjunto do novo universo que, como a educação, está se reconstruindo em torno da chamada sociedade do conhecimento. Por outro lado, trata-se da redefinição do que se faz em níveis ministerial, estadual, municipal e da comunidade, num processo de redefinição da hierarquia de decisões.

Finalmente, trata-se da horizontalização geral do sistema através da organização das redes. Aqui também não se trata só do universo da educação: é o conjunto das atividades humanas que evolui do conceito tradicional de autoridade em "pirâmide", para o que já se chama de "sociedade em rede", a *network society*.

A educação, que trabalha com informações e conhecimento e cuja matéria prima é, portanto, de total fluidez nos novos sistemas de informática e telecomunicações; é sem dúvida, a primeira a ganhar com o conceito de rede, de unidades dinâmicas e criativas que montam um rico tecido de relações com bancos de dados, outras escolas, centros científicos internacionais, instituições de fomento e assim por diante. Esta nova e revolucionária conectividade, substituindo as pesadas e inoperantes pirâmides de inspetores, controladores e curiosos nomeados por razões diversas, pode dinamizar profundamente todo o sistema.

A tradicional hierarquia vertical e autoritária, movida por mecanismos burocráticos do Estado, ou centrada no lucro e no curto prazo da empresa privada, simplesmente não resolve.

**\* Ladislau Dowbor** - economista, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) - <http://dowbor.org/11TecnDoCnh2011.doc> (indicação do livro "Tecnologias do conhecimento" - download: <http://dowbor.org/livros.asp>).

## **Tema: OS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA, DA INVERSÃO DE VALORES E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO**

**\* Luiza Elena L. Ribeiro do Valle**

**\*\* Ana Maria Falcão de Aragão**

A violência acontece com insistência à nossa volta, causando indignação nos noticiários diante de situações que ocorrem: dentro das escolas, nos esportes, nos protestos de rua, dentro de casa ou em disputas por terra ou por negócios ou até, aparentemente, sem razões.

A violência se liga a um comportamento social que precisa ser analisado em função da inversão de valores, que prejudica a participação satisfatória em seu ambiente. O objetivo desta discussão é refletir sobre a violência, as transformações culturais e a importância dos valores sociais, considerando suas consequências no convívio em sociedade. As mudanças existem e as dúvidas são frequentes e graves.

A ação dos educadores em relação aos jovens e à violência na atualidade é tema que não pode ser ignorado ou descurado. O conhecimento sobre resolução de conflitos em sala de aula se mostra essencial para os educadores, conforme apontam pesquisas empíricas e a realidade diária, que não oferece a segurança dos valores éticos e dos limites educacionais necessários para a formação de pessoas conscientes, ajustadas, autônomicas e felizes.

Os avanços em ciências humanas e tecnológicas em comunicação permitem compreender mais as demandas, os riscos educacionais e de saúde e a importância de ações preventivas. Responder adequadamente ao incontestável desafio que a violência representa é uma opção decisiva para o futuro que se desenrola.

As mudanças de práticas de professores, fundamentadas em conhecimentos atualizados, podem contribuir para uma construção coletiva na elaboração de estratégias de ensino, produzindo novas possibilidades de compreensão da sociedade pelo diálogo e dinâmica reflexiva.

Palavras chave: violência, educação, escola.

**\* Luiza Elena L. Ribeiro do Valle** - psicóloga social  
pela Universidade de São Paulo (USP).

**\*\* Ana Maria Falcão de Aragão** - psicóloga educacional  
pela Universidade de Campinas (Unicamp).

---

ANOTAÇÕES

---

---

---

---

# **Tema: OS JOVENS, A MÍDIA, A TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO**

## **Comunicação como aliada do estudante**

**\* Alexandre Le Voci Sayad**

Há uma falsa dicotomia quando, no Brasil, parte da imprensa especializada ou mesmo dos chamados "formadores de opinião" separam, folcloricamente, as qualidades da "educação privada de alto nível" dos "absurdos que acontecem nas escolas públicas".

Existem muito mais desafios comuns a serem vencidos nesses dois universos, do que diferenças. Essas são bem sutis. O mesmo olhar míope se revela quando os jovens das periferias das grandes cidades são colocados como sujeitos diferentes, em sua essência, daqueles das classes sociais mais altas.

Presenciei um verdadeiro espanto por parte dessa mesma camada de formadores de opinião quando comecei a misturar, nesses dois universos caricatos, o jornalismo, então minha única profissão, com a educação, sobre a qual estudava e aprendia a cada dia.

Os desafios de uma educação que faça sentido para os jovens, que reúna profissionais qualificados e que faça da escola parte de um sistema de aprendizado em tempo integral estão presentes na escola privada e na pública. A escola hoje repele e joga contra as experiências mais interessantes que a adolescência proporciona ao indivíduo.

Experiências que reúnem essas características já existem – não se trata de nenhuma invenção de última hora. Elas já pulsam vibrantes em escolas e comunidades de todo o Brasil (muitas públicas e poucas privadas), melhorando índices regionais de qualidade do ensino e reaproximando os jovens da escola. Em comum, utilizam a educomunicação como base de seus trabalhos.

Em 2006, as práticas pioneiras educomunicação no país formaram a Rede CEP (Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação) justamente com o intuito de refletir sobre sua prática e desenvolver modelos de políticas públicas.

A Rede já deu alguns passos importantes no sentido da melhora da educação pública do Brasil. Pautou, por exemplo, o programa de educação integral do governo federal, que passou a considerar educomunicação como uma das opções de atividades no contraturno escolar. Isso levou projetos em Educomunicação para mais de cinco mil escolas em todo o país.

Manter o jovem numa escola que o compreenda, em médio prazo, terá impacto, inclusive, no desenvolvimento econômico e social de um país que já sofre com a baixa escolarização de seus trabalhadores.

**\* Alexandre Le Voci Sayad** - jornalista e educador

## Os jovens e a mídia: os dez anos do Programa de Educomunicação na Prefeitura de São Paulo

**\* Ismar de Oliveira Soares**

Em 15 de agosto de 2005, o prefeito José Serra regulamentou a Lei Educom, aprovada pela Câmara em 28 de dezembro de 2004 (Lei 13.941), estabelecendo que o conceito e a prática da Educomunicação fossem incluídos nos planejamentos e nas ações das secretarias com maior envolvimento com a população, como a Cultura, o Esporte, a Educação e a Saúde. A lei resultou da formação oferecida a 455 escolas do município, a partir de 2001.

No dia 15 de dezembro de 2009, o secretário municipal de Educação de São Paulo, Alexandre Alves Schneider, editou a Portaria nº 5.792, definindo normas para a aplicação da Lei Educom nas instituições voltadas à educação formal, desde as Emeis, passando pelas Emefes até chegar às Escolas de Educação Especial (Emees), através de projetos como "Nas Ondas do Rádio" e "Imprensa Jovem".

Esta tem representado, de forma positiva e excepcional, a continuidade política de uma visão renovadora sobre a relação entre a comunidade educativa, de um lado, e a mídia, de outro, indo além de uma visão estritamente didática das tecnologias.

No caso, no espaço da educação, já não cabe perguntar se as antigas e novas ferramentas de comunicação devem ou não ser introduzidas nas salas de aula, mas de se promover modos criativos de uso, de forma a garantir não apenas ao professor, mas à comunidade educativa como um todo, o exercício colaborativo do direito à expressão, base da construção de personalidades seguras, autoconfiantes e propositivas para um século que exige pessoas autônomas e bem formadas.

São Paulo vem, assim, promovendo experiências de emprego criativo das tecnologias, caracterizando sua ação pela experimentação de processos de diálogo intergeracional. O professor "aprende a aprender" com os alunos e, juntos, surpreendem os teóricos dos estudos sobre a interface comunicação/educação.

A celebração dos dez anos do programa de Educomunicação é uma ocasião para uma reflexão sobre os caminhos percorridos, representando um convite ao aprofundamento da natureza dialógica da proposta que empolga um número crescente de dirigentes, educadores e estudantes do Brasil e de outras partes do mundo.

**\* Ismar de Oliveira Soares** - supervisor do Educom.rádio (2001-2004) e coordenador da Licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo (USP).



## CONSULTE NO SITE DO SINPEEM:

legislação, manuais, informativos,  
programação do SINPEEM Park Hotel,  
relação de todas as escolas, excursões,  
convênios, Jornal do SINPEEM,  
boletins de representantes  
sindicais e sites úteis.

### APROVEITE E MANTENHA SEU CADASTRO ATUALIZADO.

Entre em contato com a Secretaria do sindicato.  
Você também pode fazer a atualização  
preenchendo a ficha disponível no nosso site.

**Acesse o site**  
***[www.sinpeem.com.br](http://www.sinpeem.com.br)***

cadastre seu e-mail e receba  
nossas correspondências



**SINPEEM**

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP**

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO  
NO ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

Avenida Santos Dumont, 596, CEP 01101-080  
Ponte Pequena - São Paulo-SP - Fone 3329-4500  
www.sinpeem.com.br

**DIRETORIA**

Presidente ----- Claudio Fonseca  
Vice-presidente ----- Adelson Cavalcanti de Queiroz  
Secretário-geral ----- Cleiton Gomes da Silva  
Vice-secretária-geral ----- Laura de Carvalho Cymbalista  
Secretária de Finanças ----- Dorothy Keiko Sato  
Vice-secretária de Finanças ----- Cleide Filizzola da Silva  
Secretário de Administração e Patrimônio ----- Josafá Araújo de Souza  
Secretária de Imprensa e Comunicação -- Mônica dos Santos Castellano Rodrigues  
Vice-secretária de Imprensa e Comunicação ----- Miriam Halcsih Machado  
Secretária de Assuntos Jurídicos ----- Nilda Santana de Souza  
Vice-secretária de Assuntos Jurídicos ----- Lourdes Quadros Alves  
Secretária de Formação ----- Maria Cristina Augusto Martins  
Vice-secretária de Formação ----- Gicélia Santos Silva  
Secretário de Assuntos Educacionais e Culturais ----- Eliazar Alves Varela  
Secretário de Política Sindical ----- João Baptista Nazareth Jr.  
Secretária de Assuntos do Quadro de Apoio ----- Reni Oliveira Pereira  
Vice-secretário de Assuntos do Quadro de Apoio ----- Rogério Marcos de Melo  
Secretária de Seguridade Social/Aposentados ----- Myrtes Faria da Silva  
Secretária para Assuntos da Mulher Trabalhadora ----- Patrícia Pimenta Furbino  
Secretária de Políticas Sociais ----- Luzinete Josefa da Rocha  
Secretário de Saúde e Segurança do Trabalhador ----- Floreal Marim Botias Júnior  
Secretário de Organização de Subsedes/Regional ----- José Donizete Fernandes

**DIRETORES REGIONAIS DE SUBSEDES**

Alexandre Pinheiro Costa - Almir Bento de Freitas  
Edson Silvino Barbosa da Silva - Eduardo Terra Coelho  
Fidelcino Rodrigues de Oliveira - João Antonio Donizzatti de Carvalho  
José Corsino da Costa - Júlia Maia  
Lílian Maria Pacheco - Marcelo Alves Nishikata  
Maria Aparecida Freitas Sales  
Maria Hildete G. Nepomuceno Rezende - Teresinha Chiappim



**SINPEEM**

**SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP**

Jornalista responsável: Graça Donegati - Mtb 22.543

Diagramação: José Antonio Alves

CTP: Ajato – Impressão: Brasil Impresso

Distribuição gratuita - 5 mil exemplares